



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DA BAHIA – IFBA
DEPARTAMENTO DE ENSINO
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

Maricéia Meirelles Guedes - Arnã Pataxó

**O PAPEL DOS JOGOS INDÍGENAS EM PORTO SEGURO
NA REAFIRMAÇÃO DA CULTURA PATAXÓ DA ALDEIA VELHA**

Porto Seguro, BA.

2017

MARICÉIA MEIRELLES GUEDES - ARNÃ PATAXÓ

**O PAPEL DOS JOGOS INDÍGENAS EM PORTO SEGURO
NA REAFIRMAÇÃO DA CULTURA PATAXÓ DA ALDEIA VELHA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Instituto Federal de Educação da Bahia, Campus Porto Seguro, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciando no curso.

Orientador: Professor Mestre RICARDO MENDES

Porto Seguro, BA.
2017

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por ter me dado força e coragem para chegar até aqui. Aos meus pais que, por mais que não estejam aqui em matéria, mas com certeza estão em espírito, por terem me incentivado nos meus estudos, pois eram analfabetos. Contudo sabiam da importância dos estudos para seus filhos.

Ao meu esposo, Ângelo Santo do Carmo, por estar sempre ao meu lado me orientando e me incentivando nos momentos difíceis em minhas caminhadas. Aos meus filhos Wenderson Guedes, Luis Henrique Guedes e Samehy Pataxó por compreenderem a minha ausência, quando tinha que estudar. Aos meus irmãos Selma, Rodrigo e Jorge pelo carinho que têm me dado e a toda minha família pelo o apoio.

Aos anciãos de Aldeia Velha, dona Jaçanã, dona Vilma, “seu” Meira, “seu” Áureo, dona Marinalva, dona Das Neves, dona Esmeralda, dona Nair, “seu” Manoel Jorge, “seu” Jonga, “seu” Vitalino, “seu” Gerson, Jeane Jorge da Silva Vaqueiro, Parú, Josa Bonfim Ipê, todos que contribuíram direta ou indiretamente em minhas pesquisas de campo, colaborando com seus saberes e fazeres, pois são eles que guardam os verdadeiros conhecimentos do povo Pataxó.

Aos meus alunos, por entenderem os momentos de afastamento de sala de aula quando tinha de ficar dias estudando. Aos colegas professores da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha que, informalmente, contribuíram com a minha formação.

Aos colegas Priscila Davila, Kev Robert Dias dos Santos e Ronald Goivado, por me substituírem em sala de aula quando tinha de viajar. À Rosarlette Meirelles e Aurélio de Oliveira, por nos acompanharem e fotografarem em algumas pesquisas e estarem sempre me incentivando e acreditando em nosso trabalho. A todos do grupo de cultura de Aldeia Velha, por acreditarem em nós e serem parceiros incondicionais em todos os momentos e me dando inspirações em novas pesquisas.

A toda equipe da Superintendência de Assuntos Indígenas de Porto Seguro por ter disponibilizado os materiais dos jogos para o enriquecimento do meu trabalho.

À Luzia Pataxó, Kelly Cristina, Ademário Braz, Zeca Pataxó, que contribuíram com suas experiências nos jogos e, assim, enriquecer a minha pesquisa. À Soraia Perello do

Nascimento, por ter me inspirado a trabalhar esse tema e acreditado e incentivado, sempre, a todos nós enquanto indígenas trabalhando a autonomia do povo Pataxó.

A todos os professores da LINTER, que contribuíram com seus conhecimentos acadêmicos e por sua paciência em entender as questões das especificidades dos povos indígenas. A todos os colegas do curso de formação intercultural indígena, pois estávamos juntos todos os momentos.

Ao reitor Renato da Anunciação diretor do IFBA, campus Porto Seguro, e Ricardo Cunha, por terem apoiado a nossa licenciatura e os nossos projetos. Ao meu orientador Ricardo Mendes, pelo carinho e dedicação no momento de nos mostrar o caminho, e à Ivaneide Almeida da Silva (Neidinha) pela paciência como coordenadora da área de Ciências Humanas.

Às lideranças indígenas, em especial as Pataxó, que lutaram por uma educação diferenciada e pelas licenciaturas interculturais indígenas existentes hoje.

Às lideranças que passaram pelo curso da LINTER nos orientando e nos incentivando durante essa longa jornada de estudos.

LISTAS DE FIGURAS OU FOTOGRAFIAS

Documento	Fontes/créditos	Pag.
Fig. 1. Imagem	Cabo de guerra feminino, Aldeia Velha – Jogos Indígenas de Porto Seguro – JIPS (créditos: Priscila Bartolomeu, 2011).	38
Fig. 2. Imagem	Indígena da Aldeia Velha participando na zarabatana – JIPS – (créditos: Jose dos Santos, 2014).	39
Fig. 3. Imagem	Indígena Pataxó jogando Arco e flecha nos Jogos Indígenas da Aldeia Velha. (créditos: Ângelo S. do Carmo, 2014).	39
Fig. 4. Imagem	Pataxó da Aldeia Velha, correndo com tora – JIPS . (créditos: Priscila Bartolomeu, 2011).	40
Fig. 5. Imagem	Pataxó de Imbiriba, no arremesso de tacape– JIPS . (créditos: Daniel Vaqueiro, 2014).	41
Fig. 6. Imagem	Pataxó da Aldeia Velha, correndo o maracá – Nos Jogos da Comunidade (créditos: Ângelo S. do Carmo, 2014).	42
Fig. 7. Imagem	Pataxó da Aldeia Velha, praticando Patyw Miukaai nos Jogos da Comunidade (créditos: Ângelo S. do Carmo, 2014).	43
Fig. 8. Imagem	Casal no desfile do III Jogos Infanto Juvenil da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha (créditos: Ângelo S. do Carmo, 2014).	43

RESUMO

O presente trabalho aborda aspectos da cultura indígena Pataxó, por meio dos jogos indígenas a partir do ano 2000. Até então, essas brincadeiras não tinham o formato de jogos e as modalidades com regras. Com a participação dos Pataxó de Coroa Vermelha nos Jogos Indígenas Nacionais, houve várias influências sobre a comunidade e, depois, as escolas abordaram essas brincadeiras tradicionais que em diversos momentos se entrelaçam entre o religioso e a espiritualidade. As experiências dessas participações trouxeram uma reflexão, promovendo uma interculturalidade e resignificado às brincadeiras orais praticadas no início pelos Pataxó de Coroa Vermelha. Isso veio influenciar as demais comunidades. Essa influência se dá com ênfase nas comunidades do município de Porto Seguro, a partir dos encontros de reafirmação cultural (2005) promovidos pela Secretaria Municipal de Educação, por meio da Coordenação de Educação Escolar Indígena, que posteriormente transformou em Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro. A partir dessas vivências, percebemos que as comunidades, ao longo das participações, se preocuparam que as próximas edições fossem mais “organizados”, com novos cantos, dando mais ênfase à estética das pinturas corporais e faciais, inovando seus adereços, abrindo mais espaços de diálogos, dando mais visibilidade ao que, até o momento, era mais interno. Também protagonizando a sua própria história, quebrando preconceitos... Enfim reafirmando a cultura Pataxó em seus diversos aspectos.

SUMÁRIO

Introdução	8
O Povo Pataxó no Extremo Sul da Bahia.....	0
Considerações sobre minha trajetória de pesquisa	0
CAPITULO I - Origem e características gerais dos jogos indígenas	0
1.1 - Memória dos jogos indígenas Pataxó e suas transformações.....	0
1.2 - Jogos indígenas pelo Brasil	0
1.3 - Participação do povo Pataxó nos jogos indígenas nacional	0
CAPITULO II - Os jogos indígenas Pataxó de Porto Seguro	0
2.1 - Modalidades exportivas praticadas nos jogos indígenas de Porto Seguro	0
2.2 - A comunidade escolar e os jogos.....	0
CAPITULO III - Contextualizando a comunidade indígena Pataxó de Aldeia Velha	0
3.1 - Os jogos - aprendizado escolar e comunitário na comunidade indígena Pataxó Aldeia Velha	0
3.2 - Jogos infato-juvenil na escola indígena Pataxó Aldeia Velha	0
3.3 - Legado dos jogos indígenas Pataxó de Porto Seguro	0
Considerações Finais.....	0
Fontes	0
Anexos.....	0
Referências Bibliográficas	0

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade mostrar a trajetória dos jogos indígenas de Porto Seguro, o envolvimento e a contribuição na formação dos profissionais de educação escolar indígena e sua contribuição no processo escolar.

Ao longo do processo, iremos identificar a importância dos jogos indígenas para a memória, a história da região, sobretudo na Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha. Também iremos caracterizar as modalidades dos jogos indígenas praticada pelo povo Pataxó de Porto Seguro e o envolvimento de outras comunidades da região indígena e não indígena.

Ao mesmo tempo, analisaremos os jogos indígenas como ferramenta didática na prática pedagógica da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha.

Escrever sobre os jogos seria uma tarefa muito árdua, pois é muito complexo falar sobre eles. Também porque perpassam e envolvem vários aspectos culturais, históricos e antropológicos dos povos indígenas. Um desafio, mas ao mesmo tempo prazeroso. Desafio porque fiz parte em vários momentos dessa história e neste momento tenho de ter o olhar de estrangeiro, de observadora e pesquisadora. Prazeroso, por lembrar momentos únicos, por expressar sentimentos e viajar no tempo e na história da qual fiz e faço parte.

Estamos tendo o prazer e a oportunidade de reescrever a nossa história, não como coadjuvante mas, sim, com protagonismo, pelo qual nosso povo tanto luta e almeja. Espero mais uma vez poder contribuir com a luta e com a história de nosso povo Pataxó.

Iremos mostrar algumas modalidades de jogos indígenas do Brasil enquanto vivência e sua contribuição na educação escolar de uma forma geral.

Posteriormente enfocaremos os jogos indígenas do povo Pataxó de Porto Seguro, no período de (2006 a 2014) percebendo o quanto esses jogos contribuíram para a reafirmação cultural desse povo que vive próximo às cidades. Por isso é ameaçado constantemente por influências de outras culturas da sociedade dominante.

Também focaremos no envolvimento da comunidade escolar que, sendo um dos pilares no diálogo com a comunidade indígena, tem nesse esse movimento um processo didático pedagógico, dinâmico e prático na educação escolar indígena.

O POVO PATAXÓ NO EXTREMO SUL DA BAHIA

O povo Pataxó só não foi exterminado na época do “descobrimento” porque vivíamos mais no centro das florestas e éramos nômades. Só ficávamos em um lugar enquanto tínhamos fontes de alimentos (caças, peixes, frutos etc.). Portanto mudávamos constantemente e só voltávamos novamente naquele local quando havia abundância de frutos e mariscos.

Em 1816, o povo Pataxó foi visto pelo viajante austríaco, o príncipe Maximiliano, que descreveu a nossa vivência no litoral do “descobrimento” às margens do rio de Alcobaça, conhecido como Itanhém e registrou um pouco de nossos costumes. Vivíamos desde o rio São Mateus, no Espírito Santo, ao rio de Belmonte, Belmonte-BA. Nessa época, já tínhamos contato parcial com os brancos ao norte e ao sul e vivíamos em constantes conflitos com os posseiros da região. Incentivados pelo povo Maxakali, passamos a ter contato com o não índio e a visitar pacificamente as casas para a troca de cera de abelha ou caça por outros produtos. (Wied, 1940, p. 209).

Na época do império, em 1861, o governo da província da Bahia (Antonio da Costa Pinto) colocou posseiros nas terras onde predominavam as nossas comunidades e muitos outros povos indígenas. Essas pessoas que vieram para se apossar do nosso local, logo foram surpreendidas pelos nossos constantes ataques. Não tínhamos outra saída e precisávamos defender o que era nosso. (Carvalho, 1977, p. 79).

Com o aumento dos conflitos entre índios e brancos, o governo tomou uma decisão. Pegou a força todos os remanescentes indígenas que viviam nas localidades de Porto Seguro e regiões, incluindo os Pataxó. Obrigaram-nos a ser aldeado, na tentativa de nos pacificar. O local escolhido foi chamado “Bom Jardim”, hoje atual **Aldeia Barra Velha**.

[...] desde que se entendiam por gente viviam ali e, pensavam que ali viveriam tanto eles como os filhos de seus filhos. Sempre fora assim. Os antigos estavam enterrados ali. Nasciam, cresciam, trabalhavam, criavam os filhos e morriam, voltando para aquele mesmo solo donde tiravam o sustento. (Oliveira, 1985, p. 11)

Ali passaram a viver cerca de 500 pessoas, surgindo assim o primeiro aldeamento do povo Pataxó. Isso fez com que perdêssemos muitos de nossos costumes: a nossa língua, a forma de organização social... perdemos também a liberdade territorial e o próprio jeito de contar a história de nosso povo.

Podemos até ter sido calados neste local por 90 anos, restringidos apenas a um pedaço de terra, pescando, caçando e fazendo pequenas roças, o que não era suficiente para nós vivermos.

Mas reagimos em 1951. As nossas lideranças decidiram pela idéia de sair da aldeia para procurar apoio, a fim de melhorar a vida de nossa comunidade, principalmente porque estávamos muito oprimidos e o nosso povo já passava fome. Na época, o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) já existia e a sua sede era na cidade do Rio de Janeiro. O então cacique, que na época era chamado de capitão, índio Honório Ferreira e outras lideranças da comunidade partiram a pé, atrás de apoio do órgão. Gastaram seis meses de ida e volta. Chegando ao Rio de Janeiro, conversaram com o marechal Cândido Rondon, que prometeu enviar uma expedição à região para fazer o levantamento da situação. (Oliveira, 1985, p. 16)

Nessa época, o nosso povo teve esperança de que os nossos problemas iriam resolver. Passado algum tempo, recebemos a visita de duas pessoas que se diziam funcionários do órgão (SPI) e que tinham vindo a mando do marechal Rondon. Para a nossa surpresa, os problemas aumentaram como uma bola de neve. Os enviados do marechal à Aldeia começaram a ter atitudes suspeitas. Em vez de providenciar a demarcação da terra, passaram a criar problemas, o que causou divisão de imediato na comunidade (Oliveira, 1985, p. 19).

Quando descobrimos as reais intenções dessas pessoas, os tais funcionários do governo eram, na verdade, ladrões. Imediatamente fizeram a cabeça de alguns índios e começaram a saquear um comércio no povoado vizinho, chamado Corumbau, e o produto do roubo era trazido para a Aldeia.

Com o acontecido, foram acionadas as polícias de Prado e de Porto Seguro para combaterem esses indivíduos que estavam infiltrados na Aldeia. “Houvera um atraso da polícia que veio de Prado e, quando começaram a atirar, os policiais vindos de Porto Seguro pensaram que a resistência era dos índios, que deviam estar muito bem armados” (Oliveira, 1985, p. 21).

Na operação, as duas forças policiais se encontraram à distância e não se reconheceram. As polícias entraram em combate entre si, pensando que estavam em confronto com os índios. Eles pensaram que os índios estavam armados. Por muitas horas trocaram tiros, vindos pelo norte e pelo sul da Aldeia. Algumas horas depois descobriram que estavam trocando tiros entre eles mesmos. Isso aconteceu porque a rede de telégrafos foi cortada pelos malfetores e eles ficaram sem comunicação.

Enquanto isso as famílias se protegiam das balas se refugiando na mata e os outros, que não tiveram tempo de correr, procuraram proteção indo para dentro de uma lagoa que tem até hoje em frente à aldeia. Os policiais chegaram procurando esses ladrões. Como não encontraram, pois os mesmos já tinham corrido, começaram a massacrar a nossa comunidade para que os índios indicassem quem havia praticado os roubos: Bateram nos homens, estupraram as mulheres e fizeram todos os tipos de barbaridades. Até mesmo cortaram o couro da cabeça de índios dando para que estes comessem. Além de ter ateado fogo em grande parte da Aldeia.

“Os índios presos iam sendo amarrados com as mãos para trás. Depois eram presos uns aos outros, feito caranguejo, e trazidos para a aldeia. O índio Bertolino chegou à aldeia arreado e montado por soldados. Ainda lhe colocaram uma brida de tiririca na boca. Os soldados iam se revezando na sela, em meio a gargalhadas e xingamentos” (OLIVEIRA, 1985, p.24)

Esse massacre durou 30 dias, até pegarem os dois ladrões e também um índio que fugiu com eles. Foram mortos a tiro e enterrados juntos na mesma sepultura, próximo ao Monte Pascoal. Hoje, próximo à aldeia de Guaxuma. Além da dispersão, muitos índios morreram por causa das pancadas e maus tratos recebidos pelos policiais.

Muitos dos parentes que fugiram para as florestas e outros para as fazendas passaram a ter muita dificuldade para retornar. Muitos ficaram trabalhando nas fazendas a troco de um prato de comida. Mesmo assim eram discriminados pelos fazendeiros e por pessoas da região.

Por causa do massacre, muitas famílias ficaram com medo de voltar para a aldeia Barra Velha. Ficaram nas fazendas e em diversas localidades, formando outros agrupamentos. Foi assim que surgiram as demais aldeias Pataxó. Isso facilitou a miscigenação dos índios com os não índios, principalmente com os negros. Apesar da miscigenação, os Pataxó ainda trazem os traços da sua originalidade nativa.

“Uma índia muito bonita, chamada Luciana, prima do Manoel Santana, sofreu na mão de todos. Essa índia até hoje não teve coragem de voltar à Barra Velha. Mora em Cumuruxatiba. É a única índia que ainda sabe alguma coisa da língua Pataxó”. (OLIVEIRA, 1985, p.25)

Em 2010, os dados do SIASI registraram, para esse ano, 11.436 habitantes (sendo 5.839 homens e 5.597 mulheres) distribuídos pelas aldeias: Barra Velha, Aldeia Velha, Boca da Mata, Meio da Mata, Imbiriba, localizadas em Porto Seguro; Pé do Monte, Trevo do Parque, Guaxuma, Corumbauzinho e Aldeia Nova, estabelecidas em Itamaraju, Coroa

Vermelha e Mata Medonha, em Santa Cruz de Cabralia. Por fim, Águas Belas, Craveiro, Tauá, Tibá, Córrego do Ouro, Cahy e Alegria Nova no Prado, totalizando 19 aldeias (pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pataxo. Acessado em 15/05/2018).

CONSIDERAÇÕES SOBRE MINHA TRAJETÓRIA DE PESQUISA

A partir do momento que comecei observar o crescimento cultural e a organização sociocultural dentro das comunidades indígenas, por meio de vários aspectos, como os cantos, as pinturas, as danças, os adereços... tive a curiosidade de saber o que levou a esse crescimento. Pois sempre aconteciam as festividades nas aldeias, em forma de brincadeiras ou em caráter religioso. Contudo, os rituais eram mais fechados, as festividades eram internas, com pinturas e adereços mais simples. Esses relatos nasceram de minhas observações, porque sempre fui bastante envolvida nas questões culturais, principalmente na dança, no canto e nos jogos.

De alguns anos para cá as aldeias vêm crescendo culturalmente, abrindo as portas e divulgando sua cultura. Então percebemos que por meio da participação dos Pataxó de Coroa Vermelha nos Jogos Indígenas Nacionais e, posteriormente, dos Jogos Internos de Coroa Vermelha, dos quais algumas aldeias Pataxó eram convidadas a participar, essa divulgação foi ganhando mais destaque.

Logo vieram as festividades indígenas das aldeias no município de Porto Seguro. Os primeiros encontros foram em formato de intercâmbio, uma socialização. Porém, cada comunidade queria mostrar o que tinha internamente de mais belo em relação à cultura Pataxó aos parentes. Aliás, havia aldeias mais organizadas em seus adereços, outras menos, mesmo assim estavam lá quase todas as aldeias do município Porto Seguro. A cada ano, as organizações internas de cada comunidade eram mais intensas, pois queriam na edição seguinte apresentar melhor sua aldeia. (Soraia Perelo, entrevista realizada em novembro de 2015).

Assim, as festividades internas das comunidades foram mudando o formato. Em vez de serem fechadas, foram sendo abertas ao público. O formato religioso permaneceu porque os rituais dos povos indígenas estão ligado muito a questão espiritual, onde se torna mais forte e resistente. Os adereços estão mais chamativos, as pinturas com traços mais definidos e bem variados, com bastantes cores, pois a natureza é bem generosa com os pigmentos usados para se embelezarem; Os cantos, cada um mais lindo do que o outro, muito

fortes espiritualmente. Também a dança... no bater do pé você sente uma inexplicável energia forte.



Figura 1: Grupo de Cultura da Aldeia Velha, na festividade comunitária, 2014.

Percebemos que as pessoas nunca tinham visto ou tiveram a oportunidade de conhecer a diversidade cultural dos povos indígenas do Brasil. Nos jogos, a presença delas foram momentos bastante oportunos.

Essas manifestações vieram para quebrar preconceitos, derrubar barreiras, que os povos indígenas vêm sofrendo ao longo dos séculos. Assim, os Jogos Indígenas de Porto Seguro também chegaram para mostrar que no nordeste existem indígenas e que são muitos, pois foi onde tudo começou. Tentaram dizimar os povos indígenas, mas felizmente resistimos e estamos aqui para mostrar o que temos de mais lindo, que é a diversidade cultural de um povo originário desta terra.

Sou indígena indigenista, uma verdadeira admiradora da cultura do meu povo. Particpei de alguns jogos de Coroa Vermelha e de Porto Seguro como atleta, desde os primeiros encontros. Na VII edição fui convidada por Soraia Perello para participar da coordenação geral com a equipe, pois na época trabalhava na Superintendência de Assuntos Indígenas de Porto Seguro. Sempre estive envolvida nas questões culturais do meu povo. Aceitei o convite e foi uma boa experiência, mas não quis continuar. Isso porque, para mim, o legal era estar sentindo a adrenalina das competições no meio da arena.

Tivemos a oportunidade de participar dos jogos nacionais em Tocantins na Ilha de Porto Real em 2011, para observar a infraestrutura, pois estávamos organizando a VII edição dos Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro. A superintendente na época era Soraia Perello e ela reivindicou junto à prefeitura de Porto Seguro a ida de quatro funcionários que participariam da organização dos jogos. Foram para observar a estrutura dos jogos nacionais e, assim, contribuir com os jogos Pataxó. Nessa viagem foram Soraia Perello, Cláudio Alcântara, Luzia Pataxó e eu. Foi uma experiência impar.



Figura 2:



Figura 3: Ministério dos esportes, 2011.

Nos anos anteriores, eu organizei o grupo da minha aldeia e sempre entrávamos juntos na abertura de cada edição. Nessa, em 2012, quando vi minha aldeia entrar na arena senti uma emoção inexplicável e queria estar lá com eles, representando minha comunidade e não do outro lado como organizadora.

Então retornei para a base e, na VIII edição, atuei na coordenação interna da minha aldeia. Com toda minha trajetória em relação à cultura do meu povo, vi alavancar, em praticamente todas as comunidades, a participação de todas as crianças, jovens, adultos e anciãos das comunidades envolvidas, unindo a força dos jovens com a sabedoria dos velhos. Isso é muito bonito!

Atualmente, a maioria das aldeias fazem as festas com as modalidades esportivas geralmente no dia 19 de abril, na qual envolve a maioria dos moradores. Todavia, as escolas estão realizando os jogos infantis também. Assim ninguém fica de fora e todos são contemplados, dos pequeninos aos mais velhos.



Figura 4: Estudantes da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha, nos Jogos Infanto-Juvenil, 2014. Foto: Varanda Cultural.

Quando estava em dúvida sobre qual seria o meu tema de conclusão de curso, Soraia Perello sugeriu-me abordar os jogos indígenas. De fato, sempre estive envolvida de uma forma ou de outra e ela disse-me para escrever com a minha visão indígena. Achei uma ótima ideia e encarei o desafio.

ORIGEM E CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS JOGOS INDÍGENAS

Uma das características mais importante dos jogos e esportes, praticados pelos povos indígenas sul americano, é que suas atividades não fazem parte de uma competição. Trata-se de uma verdadeira festa, com muitos rituais e, neles, as identidades culturais de cada etnia está representada.

São várias as manifestações esportivas que fazem parte dos rituais, que são realizados nas aldeias. É o caso da corrida com toras ou então são atividades da vida cotidiana que se tornaram esportes. Por exemplo, a utilização da zarabatana, que é utilizada na caça. “Nos jogos indígenas não existe um prêmio para a equipe vencedora. O melhor troféu indígena é a convivência e o encontro com “os parentes”, assim chamados os irmãos índios, que vivem em aldeias muitos distantes. ”Jogos Interculturais Indígenas, 2010. P.04).

Os jogos são praticados em suas aldeias e fazem parte dos rituais. Também podem ser por outros motivos como: nascimento, casamento e morte. Não existe a figura do árbitro. Nos jogos, há somente a figura de um orientador que auxilia. Os jogos conseguem reafirmar e apresentar as distintas culturas dos povos indígenas. É celebrado em encontros anuais, regionais e estaduais com a Organização do Comitê Intertribal. Também contamos com a colaboração dos Ministérios de Esporte e Cultura, assim como os governos estaduais e municipais, assim como de outras iniciativas públicas ou privadas. (CAMARGO, FERREIRA E ROCHA. 2011).

Os Jogos dos Povos Indígenas surgiram das reivindicações das comunidades indígenas pela formulação de políticas públicas socioculturais e esportivas. Cobravam ações efetivas do governo e da sociedade civil organizada para a valorização e divulgação de suas manifestações de sua cultura, como a preparação de seus enfeites, plumários, desenhos, pinturas corporais, danças, cantos, instrumentos musicais e esportes tradicionais. A idéia não era somente demonstrar esses elementos a toda sociedade, mas também aproximar as mais de 200 etnias indígenas existentes no Brasil. O primeiro encontro para a prática esportiva em comum de que se tem notícias aconteceu no dia 19 de abril de 1979, Dia do Índio. Uma seleção indígena de futebol foi formada para uma partida amistosa contra a equipe de um centro universitário em Brasília. Participaram estudantes indígenas da etnia Karajá, Terena, Bakairi, Xavante e Tuxá, que formaram equipe Kurumim. Ela passou a jogar em vários estados brasileiros, incluindo o Estádio Maracanã, no Rio de Janeiro. Até então, um trabalho para o desenvolvimento desportivo com indígenas nunca havia sido feito. Em 1985, numa articulação de líderes indígenas junto ao Ministério da Educação e Cultura, acertou-se a participação oficial das comunidades nos XIV Jogos Escolares Brasileiros, em São Paulo. (Brincar, Jogar e Viver, 2009, p.22).

A partir desse contexto, essas lideranças indígenas começaram a procurar os órgãos federais, estaduais e municipais na busca de recursos para a realização dos Jogos dos Povos Indígenas. Esses jogos viriam contrapor o esporte de alto rendimento e trariam o congraçamento como o mais importante princípio. Nesse sentido, a ideia nasceu a partir da percepção de que não importava a etnia, a língua, a linha política e o local de onde vinham. O esporte e o lazer quebrariam barreiras e preconceitos e proporião a celebração, segundo os organizadores do Brincar, Jogar e Viver.

A concepção dos jogos também partiu do desejo dessa população de chamar a atenção da sociedade para a aplicação do direito ao esporte, em suas diferentes manifestações, previstos no Art. 217 da Constituição Federal de 1988. Esse direito gera o dever do Estado de fomentar práticas esportivas formais e não formais, cujas estruturas estejam relacionadas com os aspectos culturais, lúdicos e históricos do povo brasileiro. Em 1996, com a criação do Ministério do Esporte, os jogos passaram a ter a contribuição do Governo Federal, por meio de uma determinação de uma programação orçamentária para atender à demanda da comunidade indígena. Então nós, os irmãos Terena (Marcos e Carlos) e outro rapaz que não está mais aqui, criamos a situação dos jogos. (Carlos Justino Terena in: Brincar, Jogar, Viver IX Jogos dos Povos Indígenas, 2011).

MEMÓRIA DOS JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Os Jogos e brincadeiras sempre tiveram presentes em nossas comunidades indígenas: a cantiga de roda, pega-pega, bonecas feitas de sabugo de milho... enfim, cada brincadeira em seu tempo e espaço (crescemos vivenciando isso). Sabemos que a cultura é viva e dinâmica e, ao longo do tempo, há transformações. O mesmo ocorreu com o meu povo Pataxó.

Em Coroa Vermelha, desde a retomada da aldeia na década de 70, sempre houve as manifestações culturais. Na época de lua cheia sempre havia os rituais. Eram rituais fechados e, atualmente, hoje se dá o nome de luau. Faziam canto de roda e muitas outras brincadeiras. Sempre havia a presença dos índios mais velhos participando e dando todo o incentivo às crianças e aos jovens.



Foto 4: Anciãos participando das festividades culturais em Coroa Vermelha, 2000.

Após esses momentos de brincadeira, aconteciam os rituais, o awê, os contos, as lendas, histórias de vida e de luta desse povo. Havia noites que eram exclusivamente dedicadas a tomar o Kawin. Lembrando que não existia uma data específica para a realização dessas atividades.

Contudo, nas comemorações do dia 19 de abril, intitulado “Dia do Índio”, os mais velhos costumam dizer que era uma verdadeira festa. Eles percorriam toda a comunidade e, todos juntos, partiam do campo de futebol (atualmente um estádio), adentravam pela BR 367 e retornavam ao cruzeiro, quando finalizavam com um grande awê.

A partir de 2000, os mais velhos foram ficando cansados e os novos não deram continuidade a essa comemoração e os jovens que percorriam na época já estão com a idade mais avançada. Ouvimos de algumas lideranças que eles pretendem retornar e fortalecer essa ideia junto aos mais novos para, assim, resgatar essas festividades.

Com a chegada do ano 2000, várias parcerias foram surgindo em Coroa Vermelha. Entre elas, podemos destacar o Tele Curso 2000, um projeto da rede Futura de televisão, que trouxe para Escola Indígena Pataxó uma proposta de atividades esportivas, incluindo as modalidades tradicionais indígenas. Tudo para a construção e realização do projeto. Toda a comunidade se envolveu e participou desse projeto.



Figura 5: Festividades 19 de abril em Coroa Vermelha, 2000.



JOGOS INDÍGENAS PELO BRASIL

Segundo Terena, após anos de sonho e luta, os jogos foram oficializados em outubro de 1996 e foi em Goiânia (GO) a realização da primeira edição dos Jogos dos Povos Indígenas.

A competição reuniu mais de 500 atletas, representando mais de 24 etnias. Toda linha de ação, desde a concepção do espaço físico (Aldeia Olímpica), sua estrutura, até a definição das modalidades, ficou sob a coordenação de lideranças indígenas, entre elas o Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena. Os Jogos dos Povos Indígenas foram à demanda de maior continuidade e abrangência de participação indígena, com o apoio do Ministério do Esporte e outros órgãos governamentais ao longo de sua história. Foram realizados Jogos dos Povos Indígenas nas cidades de Goiânia/GO (1996), Guaíra/PR (1999), Marabá/PA (2000), Campo Grande/MS (2001), Marapani/PA (2002), Palmas/TO (2003), Porto Seguro/BA (2004) e Fortaleza/CE (2005). A sua nona edição aconteceu em Pernambuco, nas cidades de Recife e Olinda, IX Jogos dos Povos Indígenas, em 2007. O lema daquele evento foi “O importante não é ganhar, mas celebrar”. Terena in: Brincar, Jogar, Viver IX Jogos dos Povos Indígenas, p. 21, 2011.

Em outros estados e regiões, onde são realizados, os jogos tradicionais indígenas recebem outras denominações, tais como: Festa Nacional do Índio, que a partir de 2009 se tornou Festa da Cultura Indígena (Bertioga - SP). Na qual tive o privilégio de participar no ano de 2007. Nessa edição tivemos a participação das etnias do Brasil, dentre elas Kuikuro, Carajá e Pareci. Também houve a participação de etnias do Canadá. Em todos os jogos há a oportunidade de grande aprendizado e troca de conhecimentos com os parentes, também com os não indígenas e sua cultura.

PARTICIPAÇÃO DO POVO PATAXÓ NOS JOGOS INDÍGENAS NACIONAL

Em 1996 aconteceu a primeira participação do povo Pataxó nos jogos nacionais (Aldeia Indígena Pataxó de Coroa Vermelha). Os indígenas que foram na qualidade de atletas pensaram que fossem participar apenas de jogo de futebol. Eles desconheciam o que eram os jogos dos povos indígenas. Até só foram homens levando os acessórios para a realização das partidas de futebol.

Ao chegarem perceberam que, além do futebol, eram praticados esportes tradicionais das várias etnias ali presentes. O que nos faz refletir que os Jogos dos Povos Indígenas, além da luta pelo direito de políticas públicas e visibilidades de suas reafirmações culturais, também nascem em contextos bem parecidos com o envolvimento pelo futebol, conforme comentado no tópico anterior.

Kamassari foi um dos participantes dessa experiência e relata que os jogos nacionais contribuíram bastante para a valorização e fortalecimento da cultura Pataxó. As pinturas corporais que os Pataxó usavam nessa época eram bastante simples em seus traços.

Perceberam que a cultura é viva e está em constante movimento. Começaram a pesquisar e observar que as pinturas estão presentes em vários elementos da natureza, tanto na fauna como na flora. Nos animais, nas árvores, nas esteiras, (há até mesmo a pintura que chamamos de besouro, pois como o próprio nome diz tem os traços desse animal).

Também as modalidades esportivas tradicionais foram fortalecidas, além do canto e da dança.

Quadro cronológico da participação dos Pataxó nos Jogos dos Povos Indígenas Nacional

Edições	Cidade	Ano
III – Edição	Marabá – PA	2000
IV – Edição	Campo Grande – MS	2001
V – Edição	Marapanim – PA	2002
VI – Edição	Palmas – TO	2003
VII – Edição	Porto Seguro – BA	2004
VIII – Edição	Fortaleza – CE	2005
IX - Edição	Olinda – Recife - PE	2007

X – Edição	Paragominas – PA	2009
XI – Edição	Porto Nacional – TO	2011
XII – Edição	Cuiabá – MT	2013

Como podemos perceber no quadro acima, após a primeira participação dos Pataxó, fomos convidados em todas as demais edições. Um dos motivos é a inovação das músicas, nos adereços, nas pinturas e no estilo contagiante e alegre na interação que os Pataxó têm com os parentes e com a plateia participante.

PROTAGONISMO FEMININO PATAXÓ NOS JOGOS NACIONAIS

O preconceito feminino infelizmente ainda é uma triste realidade, apesar de termos na história do povo Pataxó várias mulheres que lutaram e ainda lutam pelo povo Pataxó. Podemos citar a nossa saudosa Luciana – Zabelê Pataxó – que resistiu ao fogo de 51. Depois foi para o entorno do Monte Pascoal na região de Cumuruxatiba mostrar aos parentes que a nossa cultura é essencial para lutarmos por nossos direitos. Foi uma das grandes fontes de pesquisa da língua materna Pataxó, que ela ensinava para a sua comunidade do Cahy e aos pesquisadores que se interessavam.

Dona Josefa, que lutou bravamente em seu território Pataxó quando o IBDF se instalou no entorno do Monte Pascoal e tentou expulsar os parentes de suas terras tradicionais.

Dona Mirinha, grande guerreira, sinônimo de resistência, quando a caminho dos 500 anos a terra indígena de Coroa Vermelha foi negociada. Foi, também, uma vencedora, que resistiu a todos os ataques (incluindo a dos funcionários da prefeitura, que quiseram passar o trator por cima de sua casa). Sua coragem e ousadia em permanecer no local encorajaram os parentes a retomar esse território.

Nos jogos dos povos indígenas nacionais não foi diferente. Alguém tinha de protagonizar e abrir caminhos para as novas guerreiras.

Luzia Pataxó nos conta que sua participação se deu até de forma engraçada. Tudo começou nos primeiros jogos em que a comunidade indígena foi convidada. Na época quem recebeu o convite foi Zeca Pataxó, que era uma das lideranças que organizavam os jogos internos da aldeia. Na primeira participação em Marabá/PA (2000), foram 40 homens convidados. No segundo ela teve a curiosidade de ir também. Queria que levassem um grupo de mulheres e eles estavam reunindo um grupo de lideranças. Justamente Zeca Pataxó estava

organizando esse grupo e ele disse que não tinha como levar mulher e que iriam apenas 40 homens de novo. Ficou, então, essa briga dentro da aldeia. Todas as vezes que iam ensaiar, ela ia atrás para participar também. Ouvia as conversas deles, participava dos treinamentos, mas ninguém acreditava que ela fosse.

“Falei: se meu marido for eu também tenho direito de ir. Assim dessa forma fui alimentando a esperança. Contudo, em todas as reuniões promovidas por eles falavam que não tinha como levar mulher. Comecei acreditar que os jogos indígenas só tinham homens, porque estavam com essas barreiras e preconceito de não levar mulher. Entendia que só tinha homens, que não existia mulher nesse evento” (Luzia Pataxó, entrevista realizada em novembro de 2015).

Quando chegou o dia da viagem, ela pegou a mala, seu filho com três anos de idade e subiu no ônibus. Todos os homens a olhavam e ela fez de conta que não estava enxergando ninguém. Entrou e ficou por lá e todo mundo comentando. Seu marido dizia que iria desistir, porque ninguém queria que ela fosse. Ela disse: “Uai tô nem aí para os outros, você não é meu marido? Se você vai, tenho direito de ir, né?”. Foi assim mesmo, dessa forma, que ela conseguiu quebrar esse preconceito.

Após chegar ao evento, ela percebeu que havia outras indígenas. Além disso, havia também modalidades em que as mulheres participavam. Comentou que, quando o convite chegasse da próxima vez, levaria metade do grupo de mulheres, pois entendia que já fazia parte da organização. A partir de então, começou a enfrentar esse preconceito. Assim, todas as vezes que tinha viagem, ia metade homens e metade mulheres. Dessa forma conseguimos realmente quebrar essa barreira.

Foi na terceira participação do povo Pataxó em Marapani/PA (2002), que começamos a fazer uma divisão entre homens e mulheres.

Nas comunidades indígenas Pataxó, sobretudo a de Coroa Vermelha, faziam anualmente as festividades, principalmente no mês de abril para comemorar o Dia do Índio. Havia os rituais, comida, dança e canto. Não havia inserção de modalidades esportivas tradicionais.

Com a participação nos jogos, foram trazidos vários elementos os quais foram sendo comentados e inseridos nas diversas formas e espaço da comunidade. Até mesmo a Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha chegou a realizar sua primeira olimpíada com as modalidades esportivas indígenas inspiradas nos jogos indígenas nacionais. Essa olimpíada foi ganhando amplitude e o espaço escolar foi ficando pequeno. Com isso, eles, junto com a comunidade, começaram a se organizar no espaço comunitário e dando maior visibilidade.

Aos poucos nas festividades de cunho religioso e na afirmação cultural, foram sendo introduzidas as modalidades e se transformando num grande evento.

OS JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ DE PORTO SEGURO

Uma Conquista e Reafirmação Cultural

Segundo Soraia Perello (Coordenadora dos Jogos Indígenas de Porto Seguro da I a VII Edição) tudo começou não como jogos, mas houve uma reunião em comemoração às festividades do mês de abril (infelizmente foi por uma questão política, mas serviu de referência) isso ocorreu no ano de 2005, por meio da Coordenação de Educação Escolar Indígena da Secretaria Municipal de Educação.

Em 2005, foi realizado um encontro com as escolas indígenas do município de Porto Seguro. Dessa maneira, iniciaram com as modalidades esportivas indígenas. Então entendemos que nesse contexto os jogos indígenas foram iniciados na sede do município de Porto Seguro.

Importante lembrar que, para iniciar os jogos indígenas, contávamos principalmente com o apoio e a colaboração de amigos, parceiros, familiares de Soraia, pessoal da Secretaria de Educação, professores das escolas públicas, privadas, do CEFET – atualmente IFBA. Pessoas que simpatizam com as causas indígenas, que viam os esforços do grupo e se juntavam todos como voluntários. Assim, foi criando uma rede de parcerias que ia aumentando e se solidificando ao longo das edições. Em termos financeiros, o evento sempre foi realizado pela prefeitura municipal.

Só na VII edição (2012) que, pela primeira vez, conseguiram de fato parceiros externos ao poder público municipal. Mas até a VI edição era a prefeitura mesmo e os parceiros, voluntários, que realizavam o evento.

Em 2005 foi quando tudo começou... e a gente, depois já em 2006, pensou no encontro de vocês como jogos. Mas o primeiro foi uma comemoração de todas as comunidades Pataxó do município de Porto Seguro. Foi assim que tudo começou... (Soraia Perello, entrevista realizada em novembro de 2013).

Inovação a Cada Edição

Percebemos que, por uma condição natural, a cada ano a emoção é diferente. Houve elementos novos, os quais foram incrementados e começou como uma reunião e foi percebendo o crescimento do evento.

Cada aldeia queria se ver mesmo, se mostrar para as outras e para as pessoas que vinham presenciar o evento.

As próprias comunidades, a cada ano, iam colocando novas coisas, traziam músicas diferentes, vinham com cores inovadoras, roupas novas e assim foi.

Aldeia Velha foi um grande exemplo na evolução da organização e da reafirmação cultural, promovidas por meio dos jogos. Foi uns dos vetores para que a comunidade se reafirmasse de fato. Na primeira edição, em 2005, Aldeia Velha veio bastante tímida, de tanga e de sutiã, cada um do seu jeito por que era o que havia no guarda-roupa.

As músicas que se cantava eram as de Barra Velha e Jaqueira que, na época, se destacavam mais. Aldeia Velha, já no primeiro ano, de imediato começou a incomodar. A Jaqueira foi construída para o atendimento ao público, pois tinha como projeto o Etnoturismo, ou seja, tinha toda uma proposta turística.

Com a experiência dos jogos, os componentes do grupo começaram a ver as coisas de modo diferente e conseguiram se organizar de forma que a Aldeia Velha chegou aos jogos com elementos distintos, próprios, que os demais conseguem identificar. Hoje os parceiros envolvidos nos jogos já podem usá-los como referência.

A cada ano foram colocados novos elementos nas competições. Criou-se um espaço de discussão para palestras interativas, que começaram com os mais velhos e depois foram incluídos os professores da língua materna do povo Pataxó (Patxôhã). Foi muito importante, pois não havia divulgação da língua em outros espaços além das comunidades. Os jogos fortaleceram esse aspecto da cultura para que, de fato, isso viesse a acontecer. Os organizadores entendiam que era preciso que as pessoas de Porto Seguro soubessem do cotidiano desses povos.

Com relação aos mais velhos, os organizadores encontraram um pouco de resistência para a vinda deles nos jogos. Não era por maldade nem é até hoje, mas sentiam que eles ficavam envergonhados, talvez tímidos. Contudo, havia o entendimento de que era necessário compartilhar esses saberes tradicionais. Foi assim que surgiram as palestras.

Posteriormente foram criados os fóruns. A grande proposta de cada ano era criar mais alguma coisa, como a feira de artesanato que não havia na região. O fórum social, por

exemplo, teve sua primeira versão em 2011. Isso foi maravilhoso e de suma importância para os indígenas, pois é um espaço acadêmico que possibilitou a discussão de vários temas como território, saúde, sustentabilidade e educação escolar indígena. Na oportunidade, tivemos como palestrantes Eurico Baniwa (professor da LINTER); Gersem Baniwa (atuou na Coordenação de Educação Escolar Indígena na SECADI no período de 2008 a 2011); Jerry Matalawe, que representava o povo Pataxó na Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos - BA (2008 a 2012).

Organização e Participação

A organização dos jogos sempre foi realizada por indígenas e não indígenas. Soraia e Claudio na linha de frente dos não indígenas, com a contribuição da maioria dos caciques e demais lideranças. O pessoal de Coroa Vermelha, os anciãos... e assim se constitui uma equipe bacana.

Após alguns anos, membros de cada comunidade, independentemente de tamanho, eram convidados a participar, para discutir a organização dos jogos. Isso para que todas as comunidades tivessem as mesmas informações. Quando, por algum motivo, esquecia-se de convidar eles ficavam chateados.

Os organizadores convidam todas as 17 aldeias do município de Porto Seguro (atualmente têm 19 aldeias). Contudo, por alguns problemas internos (nos últimos dois anos estavam com problema de demarcação de terras) às vezes não era possível a participação de todas as comunidades. Percebemos, até, que indígenas Pataxó de outros municípios, como Prado, Itamaraju e Coroa Vermelha, também queriam participar.

Em 2011 tivemos a participação de uma equipe da Aldeia Indígena Pataxó de Coroa Vermelha. A organização gostaria de receber mais comunidades de outras cidades, incluindo outras etnias. Para tanto, necessitavam de parceiros, pois uma coisa que os jogos têm de muito bacana é essa integração, socialização e comunicação que os indígenas têm. Mesmo com todas as dezessete aldeias em Porto Seguro, acreditamos que esse evento, se não foi o primeiro, provavelmente tenha sido um dos mais importantes na integração de todas as comunidades.

Por exemplo: havia parentes que não conheciam os parentes da aldeia mãe (Barra Velha). Outros não conheciam os das aldeias do lado da orla Norte. Barra Velha não conhecia alguém do Pé do Monte. Aldeia Velha não conhecia a Jaqueira. Alguém de Boca da Mata não

conhecia Imbiriba... e assim por diante. Ou seja, os jogos proporcionam essa integração das comunidades envolvidas.

O evento teve seu início em 2005, com tímida participação de empresários ou instituições que nos dessem apoio. Ainda na sua 3ª edição, em 2007, o evento conquistou espaço na imprensa regional, que tem divulgado de forma positiva os Jogos Indígenas de Porto Seguro. São eles: os jornais A Tarde e o Sollo e a emissora de televisão TV Santa Cruz (afiliada da rede Globo). Também são utilizadas para divulgações nas redes sociais tais como blogs, Facebook, e-mails, dentre outros. Isso veio facilitar a disseminação das informações acerca do evento.

Já em 2012, o evento contou com a participação de aproximadamente 650 jovens indígenas Pataxó oriundos das doze (12) aldeias do município de Porto Seguro. Soma-se ainda a participação do corpo discente das redes públicas e privadas da região, que tem crescido significadamente a cada ano. Os alunos vêm sendo preparados nas escolas com o intuito de aprender e vivenciar os saberes e as ciências dos índios. As palestras interativas estão aproximando de forma respeitosa os Pataxó da sociedade local. Esta, por muito tempo, desprezou o direito à igualdade e o respeito às diferenças dos povos indígenas da região. (SAIPS, 2012).

UNIR PRA REUNIR E REUNIR PRA UNIR MUKÁ DXHÁ MUKAÚ UG MUKAÚ DXAHÁ MUKÁ

Em meio a muita descontração, os organizadores falam sobre a relação de unir, celebrar e competir. Relatam que no início foi uma festa de reafirmação cultural. Mas a disputa dos jogos, sendo um evento esportivo, acabou se tornando competitivo em algumas modalidades. Como os jogos são uma proposta de integração das comunidades, houve um pouco de preocupação com as competições que, em alguns momentos, chegaram a ser acirradas. Porém isso é normal num processo em que todos querem acertar.

O lema dos jogos nacionais é: “O importante não é competir e sim celebrar”. Ou seja, não há uma competição como as demais sociedades o fazem mas, sim, uma grande celebração e congratulação dos povos falando de suas experiências, modo ser e viver de cada um, suas lutas e a diversidade cultural.

O povo Pataxó adotou o lema: “Unir pra reunir e reunir pra unir”. Como ocupamos um território onde uma aldeia chega a ficar 150 quilômetros de distância uma das outras, os jogos proporcionam esse grande encontro de união. Os parentes, que às vezes ficam

anos sem se ver, se encontram e falam de suas vitórias e suas lutas e relembram suas trajetórias de vida.

Nas diversas aldeias Pataxó temos lutas em comum como saúde, educação e território. Nesse momento é que nos unimos e refletimos sobre nossas lutas, fazemos documentos, reivindicamos. É um momento único onde, como já falamos, chegamos a reunir mais de mil indígenas de mais de 18 comunidades (na VIII edição tivemos essa quantia). Assim, damos visibilidade à luta e à união do povo Pataxó.

Após essa percepção, os coordenadores passaram a discutir com todos os envolvidos, principalmente as lideranças indígenas, as regras das modalidades que faziam parte das disputas. Em 2012, foi criado um regulamento para aperfeiçoar o evento. uma vez que a cada ano surgiam novas demandas, como a que estamos contextualizando (regulamento em anexo).

A preocupação em acertar esses pormenores é muito importante, pois houve a demarcação da conquista do espaço político dentro da cidade. Não tínhamos ainda um local para os convidados para essa festividade cultural, enquanto protagonista.

Percebemos que, por meio dos jogos, várias visões estereotipadas das comunidades foram revistas na divulgação do território Pataxó e de seus saberes tradicionais. Enfim, foi uma conquista com dimensões gigantescas e, sobretudo, valorizou e incentivou as organizações internas dessas comunidades.

Importante salientar que a maioria das pessoas, por questões de preconceito e desconhecimento, acha que, por sermos índios, tudo é diferente. Sabemos que não é bem assim. É necessário entender que são seres humanos e, quando estão praticando as atividades, estão com os nervos à flor da pele, como qualquer outra pessoa. São várias as comunidades querendo mostrar seu potencial, o que tem de melhor em cada modalidade.

No entanto, de forma geral, sempre conseguiram acalmar os ânimos e resolver com tranquilidade. Isso se deve ao respeito e ao comprometimento de todos envolvidos. Sendo assim, nunca houve uma briga de fato dentro da estrutura dos jogos.

VIII Edição - Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro

Essa edição tem uma particularidade. Ela foi coordenada por um Pataxó. Isso porque, desde suas primeiras edições, os jogos sempre estiveram sob a coordenação de Soraia Perello que, ao longo dos anos sempre formou sua equipe com índios e indigenistas.

Constantemente dizia que o espaço é dos indígenas, que estava ali de passagem e, quando estivéssemos preparados, iríamos assumir.

Após anos de contribuição e luta com o povo Pataxó, por meio dos vários espaços em que atuou e abriu junto com as lideranças e os parceiros, podemos destacar a implantação da Coordenação de Educação Escolar Indígena no ano de 2005. Em 2009 passaria a ser a Diretoria de Educação Escolar Indígena – DEEI, setor subordinado à Secretaria Municipal de Educação. Nesse mesmo ano foi criada a Superintendência de Assuntos Indígenas de Porto Seguro – SAIPS, ligada à Secretaria de Governo, mas com ampla articulação em todas as secretarias e até mesmo com ligação direta com o gestor (a) municipal.

Atuou como superintendente até o final do ano de 2012, quando quis se afastar para cuidar de outros projetos. Reuniu, então, com as lideranças indígenas Pataxó e, na ocasião, foi indicado Juary Braz – índio pataxó – para assumir seu cargo, o qual já fazia parte da equipe desde 2011.

Juary trabalhava na reserva da Jaqueira e acompanhou as últimas edições, a princípio como atleta e depois foi convidado na organização em 2011 e 2012.

Como mencionamos, não eram jogos e sim uma festividade que teve início em 2005 com a finalidade de dar visibilidade à cultura Pataxó e à sua reafirmação cultural. Aos poucos, foram sendo introduzidas algumas modalidades dos jogos indígenas tradicionais Pataxó. Percebemos que ao longo dos anos, em seu formato de organização, houve uma influência muito forte dos jogos indígenas nacionais, transformando-se num dos eventos mais esperados pelos Pataxó e seus simpatizantes.

Juary nos relata que sua experiência à frente da coordenação da VIII edição dos jogos, realizado em novembro de 2014, foi um grande desafio, pois já havia sido um desafio ter feito parte dos colaboradores na organização junto com equipe nos anos de 2011 e 2012, contudo:

“Soraia motivou a gente a estar trabalhando por essa autonomia. Sempre nos orientou muito bem. Então, quando a gente recebeu a proposta de fazer os jogos da VIII edição, foi um desafio ser índio e realizar um evento tão grande assim. Iniciamos com a participação de muitos não indígenas e com a participação da própria Soraia. O desafio foi muito grande, as expectativas também muito grandes e o que a gente pensou em atingir atingimos. Assim, tem muitas coisas que a gente precisa melhorar. O desafio foi feito e desse desafio aprendemos muito também”.
(Juary, entrevista realizada em novembro de 2015.)

A busca por autonomia e protagonismo dos povos indígenas, e ocupar os espaços nas instituições em suas várias vertentes, vem sendo cada vez mais intensa. Ser o primeiro

Pataxó numa superintendência, que é um espaço de articulação dos povos indígenas, ao tempo que também é um cargo de confiança da gestão municipal, não é uma tarefa muito simples.

A coordenação dos jogos indígenas é desafiadora, principalmente quando essa coordenação é feita um indígena. Isso porque percebemos que os parentes sempre esperam um pouco mais. Também é uma grande aprendizagem. Isso é perceptível nas reuniões pós-jogos onde, além da confraternização, depois de dias de cansaço físico e mental, fazemos uma reflexão dos pontos que foram melhorados e o que precisa de ajustes e a introdução de novos elementos para abrilhantar o evento. É dentro desse contexto que um pataxó assume essa coordenação.

Parcerias

As parcerias, em primeiro lugar, sempre foram às comunidades, pois sem as comunidades não há jogos e depois são os parceiros que sempre vêm nos apoiando ao longo das edições.

A Prefeitura Municipal sempre foi a principal apoiadora e patrocinadora, principalmente a Secretaria Municipal de Educação. T

Também teve a Secretaria de Saúde, disponibilizando uma equipe durante o evento para apoiar os atletas caso precisassem, principalmente durante a modalidade do cabo de guerra. Essa equipe estava sob a supervisão de Luzia Pataxó, Secretária de Trânsito e Serviços Públicos.

Na VII e VIII edição, após anos de luta e persistência das comunidades e parceiros, que acreditavam e faziam com que os jogos acontecessem, houve maior contribuição das instituições como vemos a seguir.



Na VI edição tivemos o apoio da SUDESB, um pouco tímida, mas esteve presente o professor Ney Santos. Após a prestação de contas, ficaram restando cerca de 200 reais, que foram devolvidos para a SUDESB. A honestidade e a devolução de recursos na administração pública são uma raridade, Ficamos bem na fita. Diante do exposto, e vendo o potencial dos Jogos Indígenas de Porto Seguro, o professor Ney nos apoiou mais uma vez de forma mais presente.

O Ministério do Esporte teve uma participação significativa por meio de um projeto feito em parceria com o Instituto Federal da Bahia - IFBA, Campus de Porto Seguro. Fomos contemplados com o patrocínio de 200 mil reais. Quem representou o ministério nessa parceria foi Jovelino Macuxi, ou seja, outro parente ocupando uma instituição pública.

Houve apoio de ONGs que já vêm desenvolvendo projetos com os Pataxó, a exemplo do Instituto Mãe Terra e do Instituto Tribos Jovens. Também o SEBRAE, que neste ano deu todo o apoio para exposição de artesanato. A contribuição da FUNAI, meio que tímida, deu-nos como apoio um servidor e um carro e a SESAI, também contribuiu junto com a equipe de saúde da Secretaria da Municipal.

Inovação

Um das inovações nessa edição foram à criação de subcoordenações ligadas à coordenação geral, cuja finalidade era a melhor divisão dos trabalhos e o atendimento aos atletas e ao público em geral. Nelas, um coordenador de área montava sua equipe de colaboradores.

No fórum social podemos destacar o encontro dos professores da língua materna Pataxó (Patxôhã) que reuniu professores da rede municipal de Porto Seguro, Prado e Santa Cruz de Cabrália. A participação de Carlos e Marcos Terena, idealizadores dos Jogos Indígenas Nacional, também foi importante. Na oportunidade vieram divulgar os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas e convidar os Pataxó para abrilhantar o evento.

Outra inovação foi a feira de artesanato. Já vínhamos discutindo sua implantação ao longo das últimas edições. Pensamos em um espaço de valorização das artes indígenas. Para isso, tivemos o apoio do SEBRAE, que montou toda a estrutura e logística.



As Atribuições e Competências das Coordenações:

A Comissão Administrativa responsável pela execução dos Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro será composta pelas seguintes coordenações:

- I. Coordenação Geral, Secretaria Executiva e Financeira;
- II. Coordenação de Comunicação, Imprensa, Cerimonial e Recepção;
- III. Coordenação Cultural;
- IV. Coordenação Desportiva;
- V. Coordenação dos Fóruns;
- VI. Coordenação de Infraestrutura;
- VII. Coordenação de Transporte, Alimentação e Hospedagem;
- VIII. Coordenação de Segurança;
- IX. Coordenação de Saúde;
- X. Coordenação de Material e Limpeza;
- XI. Coordenação Exposição e Oficinas;
- XII. Coordenação de Voluntários;
- XIII. Coordenação Jurídica;

Foto 6: Atribuições e competências das coordenações.

Participação das Comunidades Indígenas nos Jogos de Porto Seguro

Atualmente temos dezenove comunidades indígenas Pataxó no município de Porto Seguro: Aldeia Indígena Barra Velha, Aldeia Pataxó Bujigão, Aldeia Pataxó Xandó, Aldeia Pataxó Pará, Aldeia Pataxó Campo do Boi, Aldeia Pataxó Meio da Mata, Aldeia Pataxó Tupiniquins, Aldeia Pataxó Boca da Mata, Aldeia Pataxó Cassiana, Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Nova, Aldeia Indígena Pé do Monte, Aldeia Indígena Pataxó Jitay, Aldeia Indígena Pataxó Nova Esperança, Aldeia Pataxó Guaxuma, Aldeia Pataxó Novos Guerreiros, Aldeia Pataxó Juerana, Aldeia Pataxó Reserva da Jaqueira, Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha e Aldeia Pataxó Imbiriba.



Quadro cronológico de participação das comunidades indígenas nos jogos de Porto Seguro.

Edição / Ano	Aldeias Participantes	Estimativa do Número de Atletas
I Edição – 2006 II Edição – 2007 III Edição – 2008 IV Edição – 2009 V Edição – 2010 VI Edição – 2011	Aldeia Velha Barra Velha Boca da Mata Guaxuma Imbiriba Reserva da Jaqueira Juerana Pé do Monte Aldeia Nova.	290
VII – Edição – 2012	Aldeia Velha Barra Velha Boca da Mata Guaxuma Imbiriba Reserva da Jaqueira Juerana Pé do Monte Aldeia Nova Aroeira.	320
	Aldeia Velha Barra Velha Boca da Mata Guaxuma	

VIII – Edição - 2014	Imbiriba Reserva da Jaqueira Juerana Pé do Monte Aldeia Nova Aroeira Escola Indígena de Coroa Vermelha Mata Medonha Koiunpanká (AL) Kiriri (BA) Tupinambá (BA) Kuikuro (MT).	500
----------------------	---	-----

Fonte: SAIPS, 2014.

Algumas comunidades, por terem menos famílias, se agrupavam com outras aldeias e formavam uma equipe, como é o caso de Barra Velha (que juntavam com atletas de Xandó, Bujigão, Campo do Boi e Pará); e Aldeia Pé do Monte com Aldeia Nova.

Lembramos que, apesar de ao longo de nosso trabalho, falar que os jogos tiveram início em 2005 e foram um grande encontro das comunidades para dar visibilidade à cultura Pataxó em Porto Seguro, as modalidades esportivas só começaram mesmo em 2006. Conforme o quadro acima, as participações desde 2006 sempre contavam com as comunidades de Porto Seguro. Só no ano de 2011 não houve a participação da Aldeia de Boca da Mata, pois estavam em retomada de ampliação do território que consta em relatórios antropológicos da FUNAI.

Em 2012 houve a primeira participação de uma comunidade fora do município de Porto Seguro. Trata-se da Aldeia Pataxó Juerana, que fica no município de Santa Cruz Cabrália.

Na VIII edição que ocorreu em 2014 houve maior participação de indígenas de outras etnias, tanto nas competições quanto na organização. O quadro acima só colocou as etnias que participaram enquanto atletas. Outro dado a mencionar é que fizemos uma estimativa de competidores baseada nos documentos pesquisados, nas entrevistas com os envolvidos e em minha própria experiência enquanto atleta e organizadora, pois estive presente em todas as edições.

O Banner de divulgação dos povos indígenas participantes na VIII edição dos Jogos Indígenas de Porto Seguro – 2014, destacam as etnias participantes e etnias envolvidas na organização e apoio, seja enquanto indígena ou enquanto instituição, como demonstrado a seguir:



Um formulário foi enviado para cada aldeia, o qual ficava a cargo de um representante que poderia ou não ser o cacique ou alguém que tivesse envolvimento direto com a organização dos jogos. Após a coleta das informações, o formulário era reenviado para a coordenação.

Segundo os organizadores, estima-se que participaram do evento entre 700 e 800 atletas e 1000 a 1.200 expectadores indígenas por dia.

“Os não indígenas constituíram um público muito grande, porque a gente preparou uma arquibancada para três mil pessoas e, ainda assim, não foi suficiente. Por isso, acreditamos que tivemos cerca de quatro mil visitantes”. (Juari, entrevista realizada em novembro de 2015).

Quando conversamos com a organização sobre a participação de atletas com necessidades especiais, soubemos que não houve participação e até agora essa questão não foi discutida. Todavia, a partir dessa reflexão, podemos repensar esse assunto e fazer a inclusão desse tipo de atleta em outras edições. Em anexo, modelo da ficha de inscrição dos atletas.

Eventos e Modalidades nas edições dos jogos

Quadro ilustrativo das modalidades praticadas e os eventos ocorridos nas edições dos jogos indígenas de Porto Seguro.

Edição / ano	Modalidades	Eventos
Da edição I (2006) à edição IV (2009).	Arco e Flecha Zarabatana Arrem.de Lança /Tacape Corrida com Maracá Corrida Rústica Corrida de 100 metros Cabo de Guerra Canoagem Corrida com tora Natação e Patiw-miwka' ai Futebol.	- Jogos Tradicionais - Palestra Interativa - Desfile da Cultura Viva Pataxó.
V Edição (2010) à VII Edição (2012).	Arco e Flecha Zarabatana Arremesso de Lança /Tacapé Corrida com Maracá Corrida Rústica Corrida de 100 metros Cabo de Guerra, Canoagem Corrida com tora Natação e Patiw-miwka' ai Futebol.	- Jogos Tradicionais – - Palestra Interativa – - Encontro da Língua Materna (Patxôhã), - Desfile da Cultura Viva Pataxó e Fórum Social.
	Arco e Flecha Zarabatana Arremesso de Lança /Tacapé Corrida com Maracá Corrida Rústica Corrida de 100 metros Cabo de Guerra Canoagem, Corrida com tora	- Jogos Tradicionais – - Palestra Interativa - Desfile da Cultura Viva Pataxó - Fórum Social - Encontro da Língua –

VIII Edição – 2014.	Natação e Patiw-miwka'ai e futebol.	- Materna (Patxôhã) - Exposição e Venda de Artesanato.
---------------------	-------------------------------------	---

Conforme esse quadro ilustrativo, percebe-se as inovações ao longo das edições de 2006 a 2009, além das modalidades, as palestras interativas, principalmente com os professores da língua materna e os anciãos, com a participação das escolas públicas e privadas de Porto Seguro.

De 2010 a 2012, foi introduzido o encontro com professores da língua materna (Patxôhã) e com pesquisadores, criando um novo espaço de valorização e afirmação cultural. O fórum social indígena abordou temáticas relevantes para as comunidades e contou com a participação de indigenistas como Eurico Baniwa, Gersem Baniwa, Jerry Matalawê e Rosilene Tuxá. Nestes, os parentes puderam refletir sobre algumas políticas públicas nas comunidades.

Em 2014, dando continuidade às inovações, um sonho que já vinha sendo alimentado pelos organizadores possibilitou a instalação de um espaço onde os indígenas puderam expor e comercializar seus artesanatos. E um dos meios de sobrevivência de várias comunidades. Nessa edição do Fórum Social, tivemos a participação de Carlos Terena, o idealizador dos jogos dos povos indígenas, juntamente com seu irmão Marcos Terena.

Divulgação do Evento

Usamos toda a mídia local que foi possível. A emissora de rádio, que até acompanhou todo o evento; a televisão e os telejornais locais fizeram a cobertura da cerimônia de abertura. Também colocamos panfletos que nas aldeias e nas escolas indígenas e não indígenas.

Usamos a internet emitindo e-mails. Depois foi noticiado no radar 64, um site local bastante acessado; Facebook; criamos um grupo no WhatsApp, para disseminar todas as informações... enfim tudo que era possível para enviar informações foi utilizado.

Contribuição Cultural no Território de Porto Seguro

Há uma contribuição imensa dos jogos indígenas na costa do “descobrimento”. O evento criou uma proporção de integração e visibilidade tamanha que, segundo os organizadores afirmam, surge como o terceiro maior evento de jogos indígenas no Brasil, só ficando atrás dos jogos nacionais e Festa Nacional do Índio de Bertioga

Um evento que seria praticamente completo, não fosse a necessidade de alguns elementos a serem inseridos para abrilhantar ainda mais o que existe.

Mas a contribuição para a costa do descobrimento é imensa. Tanto que, nos primeiros anos, brigávamos para colocar essa atividade como parte do calendário de festividades do município. Ficávamos discutindo, pedindo... e as respostas eram sempre as mesmas: vai aqui, vai ali, hoje não...

Atualmente somos procurados para que o evento seja realizado. Nas discussões, entendemos que há algumas pessoas não indígenas com vontade de tomar as rédeas e fazer acontecer. Mas também sabemos que há o intuito financeiro. Justamente por não ser somente uma competição, o evento nunca tomou esse rumo.

Não é que não queiramos ganhar dinheiro com isso. Evidentemente, se o evento pudesse trazer algum retorno de renda para as comunidades isso seria maravilhoso. Mesmo porque a comunidade Pataxó está inserida em um contexto um pouco capitalista. Todavia não deixa de ser importante, mas esse nunca foi o fator principal, o vetor principal e, sim, mais como uma contribuição para as comunidades.

Desde o começo da organização havia um legado imenso com participação de explanação.

“nunca me conformei com o Dia do Índio, em que as escolas pediam um índio para dançar ou para falar alguma coisa. Isso sempre foi minha inquietação de manter os jogos”. (Soraia, entrevista realizada em agosto de 2014.)

Hoje as escolas vão até os jogos e lá, de forma tranquila e com propriedade, os indígenas falam da vida, do cotidiano e da realidade de suas vidas.

Nessas atividades, os indígenas mostram como são. Com isso, é inevitável que não haja uma contribuição significativa, principalmente para Porto Seguro. Esta é uma cidade de turismo, que recebe gente do mundo inteiro. Por isso entende que se trata de um momento impar de se lançarem, de se fazerem reconhecer.

Há também a promoção do respeito entre as pessoas que aqui convivem com os indígenas, passando da invisibilidade para a visibilidade. Muitas pessoas ignoravam e faziam de conta que não existiam indígenas no município. Então os Jogos indígenas Pataxó de Porto

Seguro deixam um legado não só para a costa do descobrimento e para os povos não indígenas, mas também para os indígenas da mesma forma.

Por não ser um evento preocupado com o externo e sim com a visibilidade e a essa reafirmação cultural, também por não existir meios midiáticos e equipamentos de registros, houve dificuldade de listarmos algumas partes que achamos relevantes como o número de participantes, de equipes etc. A partir de 2010, houve mais registros, tanto por parte dos indígenas quanto dos organizadores.

MODALIDADES ESPORTIVAS PRATICADAS NOS JOGOS INDÍGENAS DE PORTO SEGURO

Cabo de Guerra



Foto 0: Cabo de guerra feminino, Aldeia Velha – JIPS – (Créditos: Priscila Bartolomeu, 2011).

Trata-se de uma modalidade que requer muita resistência e é disputada por equipes. Usa-se uma corda com espessura de 6 centímetros e 8 metros de comprimento. Essa corda é dividida ao meio por uma fita de cor vermelha para destacar ambos os lados e mede-se mais um metro de cada lado e coloca-se outra fita. Os atletas geralmente são em oito de cada equipe, os quais ficam distribuídos na ponta da corda até a primeira fita. Tanto ao meio, quanto nas fitas paralelas é feita uma marcada no chão por um risco. A equipe que ultrapassar o ponto central antes dos três minutos ganha a competição.

O “juiz” bate o maracá para sinalizar o começo da competição. A disputa é cronometrada por no máximo três minutos. Algumas vezes pode ficar um atleta de cada equipe para fazer o revezamento se necessário. O tempo de três minutos foi estabelecido para que não houvesse um desgaste maior dos atletas. Apesar de não haver premiação do vencedor, nenhuma equipe quer perder, pois é uma modalidade muito desgastante. Várias vezes houve desmaio dos atletas. Ela exerce uma carga de emoção e expectativa muito grande, pois é uma modalidade bastante esperada pelos expectadores indígenas e não indígenas.

Zarabatana



Fig. 2. Indígena da Aldeia Velha participando na zarabatana – JIPS – (Créditos: Jose dos Santos, 2014).

A zarabatana é uma modalidade individual. Trata-se de um armamento ainda usado por muitos povos indígenas para caçar e pescar. Hoje o povo Pataxó usa como uma modalidade tradicional nos jogos indígenas Pataxó.

Como regra para a competição, usa-se como alvo o desenho de algum animal. Nesse desenho, cada parte do corpo do animal tem uma pontuação. O atleta tem direito de atirar três flechas no alvo e vence quem obter mais pontos com as três flechas lançadas. A distância do atleta para o alvo é de aproximadamente 15 a 20 metros. Se for um atleta masculino usa-se a distancia maior e a menor se for feminino.

Arco e Flecha



Fig. 3. Indígena Pataxó jogando Arco e flecha nos Jogos Indígenas da Aldeia Velha. (Créditos: Angelo S. do Carmo, 2014).

É um armamento ainda usado por muitos povos indígenas para caçar e pescar. Antigamente, o povo Pataxó usava para caçar, pescar e guerrear. Hoje usa como demonstração, artefato e foi inserido nas modalidades tradicionais nos jogos indígenas Pataxó.

A flecha geralmente é feita do caule do Paty ou Tucum e suas pontas feitas de osso de animal. Para o arco, além das palmeiras mencionadas, utiliza-se também o pau d'arco.

Regras: é uma modalidade individual. Para a competição, usa-se um alvo com o desenho de algum animal. Nesse desenho, cada parte do corpo tem uma pontuação. Cada atleta tem direito de atirar três flechas no alvo e vence quem obter mais pontuação. A distância do atleta para o alvo é de aproximadamente 20 metros para as mulheres e 30 metros para os homens.

Corrida com Tora



Fig. 4. Pataxó da Aldeia Velha, correndo com tora – JIPS. (créditos: Priscila Bartollomeu, 2011).

A corrida com tora é disputada entre duas duplas, que podem ser nas categorias masculinas e femininas. O percurso é de 50 metros para as mulheres, com o peso de aproximadamente 50 quilos; e 70 metros e aproximadamente 80 quilos para os homens. São medidas exclusivas para cada atleta. Fica um atleta em cada extremidade do perímetro delimitado. Após a largada, um dos atletas corre com a tora nos ombros em direção do seu companheiro. Este recebe a tora e faz o revezamento, indo para o local de partida. Vence quem chega primeiro.

Arremesso de Lança (Takape)



Fig. 5. Pataxó de Imbiriba, no arremessando de tacape –JIPS. (créditos: Daniel Vaqueiro, 2014).

Geralmente o takape é feito de forma artesanal, no qual é utilizado o caule da palmeira tucum ou do Paty. Mede cerca de dois a dois metros e meio e suas pontas são confeccionadas com osso de algum animal.

Delimita-se uma distância para o competidor fazer o arremesso. A modalidade é individual e o atleta pode fazer três arremessos. Ganha quem conseguir colocar a lança mais longe do local a ser lançado.

Natação

O local utilizado é o mar, pois temos uma costa litorânea repleta de belas praias. Tanto que os eventos são realizados próximo à praia. Delimita-se cerca de cem metros da margem até uma bóia, pela qual os competidores dão a volta retornando à faixa de areia. É uma modalidade geralmente praticada por homens. Os competidores sempre são observados e acompanhados por botes salva-vidas que dão apoio e segurança a essa modalidade.

Canoagem

A canoa é utilizada pelos Pataxó para transporte e pesca no mar. Geralmente é feita da árvore da Juerana ou Jundiba. Nas competições, estamos utilizando canoas de fibras (caiaque) por serem de um material mais leve e fácil de transportar.

Delimita-se cerca de 150 metros da margem da praia até uma bóia. Os competidores devem contorná-la e retornar à praia, na qual é colocada uma fita. O competidor, após a chegada, corre até a fita. Vence quem chegar primeiro na fita. Os atletas também são observados por seguranças. Geralmente pedimos apoio à Marinha ou ao Corpo de Bombeiros para, assim, evitar acidentes. Felizmente nunca houve relatos de alguma situação desse tipo.

Corrida Rústica

Calcula-se 3 quilômetros de distância a serem percorridos pelos homens e 1 quilômetro para as mulheres. Os últimos locais utilizados foram as margens da praia. As equipes podem escolher até 3 competidores para, juntos, realizar a competição.

Corrida de Maracá



Fig. 6. Pataxó da Aldeia Velha, correndo o maracá.
Nos Jogos da Comunidade (créditos: Angelo S. do Carmo, 2014).

O maracá é um artefato sagrado para o povo Pataxó. Ele é utilizado nos rituais quando então é tocado. Nesse momento são invocados os espíritos das ancestralidades que, presentes, dão energia e força ao ritual. Geralmente é feito com cabaça, coco e coité, semente de pariri e com um cabo feito de madeira leve.

Na competição delimita-se mais ou menos 80 metros para os homens e 60 para as mulheres no percurso de ida. Cada equipe é composta por oito competidores. A partida também é feita com o tocar do maracá por um organizador. Os competidores ficam com o maracá na mão que, ao ser dada a largada, correm até o local delimitado e fazem uma volta retornando e passando o maracá para o companheiro. Os atletas não podem deixar o maracá cair. Se cair deve pegar no chão e dar continuidade até completar o percurso. Ganha a equipe que, após fazer o revezamento de todos os atletas do grupo, concluir primeiro.

Luta Corporal - (Patyw Miukaai).



Fig. 7. Pataxó da Aldeia Velha, praticando nos Jogos da Comunidade (créditos: Angelo S. do Carmo, 2014).

Essa luta corporal é mais usada para demonstração. Coloca-se um maracá no meio de um círculo feito no chão. Os oponentes ficam dentro do círculo em lados opostos. Ao começar, os competidores fazem uma dança aproximando-se um do outro. A luta consiste em um pegar o pé do outro e derrubar o maracá, sem que saiam do círculo. Há uma pessoa mediando para orientar e evitar os excessos.

Desfile Cultura Viva



Fig.8. Casal no desfile do III Jogos Infante Juvenil da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha (créditos: Angelo S. do Carmo, 2014).

Esse momento é bastante esperado pelos expectadores índios e não índios. Geralmente é feito para encerrar o evento. Cada equipe escolhe um casal para demonstrar sua beleza Pataxó por meio dos adereços e das pinturas corporais. No dia do desfile, que acontece no começo da noite, os “modelos” já começam a fazer suas pinturas corporais na parte da tarde, pois há pinturas corporais que levam mais de duas horas para sua execução.

Nas pinturas, são utilizados o carvão, a tinta do jenipapo, o urucum e a argila. Para os adereços, procuramos usar as mais tradicionais do povo Pataxó como as sementes de Tinto, tupy say da entrecasca da biriba e cocares com penas de animais da região.

A cada ano, percebemos as varias inovações utilizadas pelos participantes. Uns utilizando mais adereços e artefatos em suas apresentações, outros explorando mais a pintura corporal. É um momento único de desfile de beleza, arte e cultura.

A COMUNIDADE ESCOLAR E OS JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ

Acreditamos que as comunidades escolares ainda estão tímidas. Entendemos que é necessário participar, precisamos ter uma programação melhor durante o ano visando os jogos. É necessário fazer com que as comunidades, principalmente as comunidades escolares indígenas, entendam os jogos de fato como um evento de integração, socialização e conhecimento e não simplesmente uma competição.

Precisamos que os professores, alunos, as pessoas de forma geral, nas comunidades indígenas entendam melhor os jogos. Sabemos que a escola está no caminho certo, tem bons profissionais e boa parte está trabalhando algumas modalidades tradicionais. Contudo, precisa focar mais, precisa trabalhar mais, as escolas precisam participar com mais força.

Percebemos que houve um crescimento notável na reafirmação da cultura Pataxó, inovações, as pinturas, as modalidades a vivência, a união, a criação das músicas, os ensaios, os rituais, os anciões, as lideranças, confecção dos adereços dentre outros aspectos culturais.

Houve uma equipe muito concisa que a cada ano se inovava, incentivava e crescia com as comunidades Pataxó.

Após coordenar a VII edição dos jogos indígenas Soraia Perello deixou de trabalhar de forma direta com o povo Pataxó e se sente feliz e realizada. Ela conclui:

“Viemos ao mundo com uma missão e a minha não terminou. Os jogos devem continuar, a não ser que os indígenas não queiram. Pois não vejo como um evento e

sim como uma conquista. Porque quem vem das aldeias somente por vir desconhece o trabalho que temos para que tudo aconteça. Com todas as limitações que tivemos com o poder público, sempre tentamos atender da melhor forma e conseguimos mais o menos da forma que pensávamos. Então como pessoa eu só tenho a dizer aos Pataxó que sou feliz pela oportunidade de ter vivido essa experiência. Os jogos para mim são uma realização como pessoa”. (Soraia Perello, entrevista realizada em agosto de 2014.)

CONTEXTUALIZANDO A COMUNIDADE INDÍGENA PATAXÓ ALDEIA VELHA

A Aldeia Velha é uma aldeia da etnia Pataxó e fica localizada em Arraial D’Ajuda, município de Porto Seguro no extremo sul da Bahia, a 720 km de Salvador-BA. Abrange uma área de 2.001 hectares sendo que 80% dessa área são de mata nativa e um manguezal com cerca de 10 km. Em seu começo, havia apenas doze famílias com mais ou menos sessenta pessoas. De acordo com informações do posto de saúde local atualmente há 300 famílias divididas em 934 moradores.

Em 1990, o cacique Ipê começou um trabalho de conscientização com algumas famílias indígenas não viviam na aldeia, principalmente na região do projeto Vale Verde. Com isso, sensibilizou não só os indígenas, mas também outros órgãos sobre os seus direitos em relação à terra, onde poderiam estar criando os seus filhos, conservando seus costumes e tradições culturais.

Quando juntou cerca de 12 famílias, começou a realizar as várias reuniões que aconteceram na casa de seu pai o senhor Pedro Borges, em Japara (estrada Arraial x Vale Verde), na antiga Escola Estadual Roberto Santos que ficava na Praça São Braz no centro do Arraial D’Ajuda.

Após as reuniões, começaram a planejar a retomada, isso já entre 1992/93. Uma das primeiras reuniões aconteceu na parte baixa da aldeia, com a colaboração de Dona Dió, a primeira moradora da atual Aldeia Velha, que forneceu dados importantes sobre a área em questão.

As famílias até então não sabiam qual terra especificamente elas ocupariam. Porém o cacique Ipê já sabia. Ele conhecia a terra e constatou a existência dos sambaquis (cemitério de ostras) e dos fornos antigos, que formavam vários sítios arqueológicos, prova de que os nossos antepassados indígenas já ocupavam a área em questão.

“Desde a última década do século passado vem ocorrendo no Brasil um fenômeno conhecido como “etnogênese” ou “reterritorialização”. Nele, povos indígenas que, por

pressões políticas, econômicas e religiosas, ou por terem sido despojados de suas terras e estigmatizados em função dos seus costumes tradicionais, foram forçados a esconder e a negar suas identidades tribais como estratégia de sobrevivência”(GERSEM,2006,p.30)

Em 1998, recomeçou a luta pela terra. Eles partiram de Coroa Vermelha em duas embarcações pelo mar em direção à atual Aldeia Velha, cortando o rio Buranhém e chegando a uma de suas margens no fundo da aldeia. Essa fase contou com o apoio do CIME (Comissão Indigenista Missionária) e do GAIPA (Grupo de Apoio aos Índios Pataxó) que forneceram alimentos. A partir de então ocuparam a área e continuamos até os dias atuais. (CARMO, P. 8 e 15, 2010).

OS JOGOS E O APRENDIZADO ESCOLAR E COMUNITÁRIO NA COMUNIDADE INDÍGENA PATAXÓ ALDEIA VELHA

Desde sua implantação em 1999, a Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha recebia a visita de escolas não indígenas. Isso porque está localizada em uma reserva com uma fauna e flora bastante significativas. Essas escolas podiam usar o local como referência para as narrativas de seus visitantes.

Na época funcionava com duas turmas multisseriada e uma professora não indígena. A comunidade ser composta por indígenas não aldeado, ou seja, sem a vivência de suas culturas e crenças, as manifestações culturais se tornam tímidas. Isso porque tem de buscar junto aos mais velhos, por meio da memória, essa reafirmação Pataxó.

Em 2000 a escola mudou da reserva e foi para a parte central da comunidade e a sala de aula foi compartilhada com uma casa de farinha. Segundo a professora Marialva, o primeiro intercâmbio aconteceu em 2001 com a Escola Municipal São Miguel, que fica situada no projeto Vale Verde.

Mas as brincadeiras aconteciam em baixo do pé de manga que ficava em frente à escola e geralmente no final de ano letivo. Mas não eram jogos e sim brincadeiras como corrida rústica, narrativas dos mais velhos sobre suas brincadeiras tradicionais, também dançavam o toré. .

Também havia as festas do dia 29 de abril, nas quais comemorava-se o “Dia do Índio” em data diferente. Mas, no caso de Aldeia Velha a finalidade era festejar mais um ano de retomada.

Em 2004 a comunidade começou a pesquisar e adquirir conhecimentos da língua materna, o Patxôhã. Fazia os ensaios de dança já incluindo algumas músicas no idioma Pataxó. Assim exercia uma influência maior nas manifestações culturais, sobretudo, na dança, na música e nas pinturas.

Em 2005, com a realização do “I Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro”, houve a participação da comunidade de Aldeia Velha que, bem ao seu “jeito”, contribuíram com o evento, dando continuidade nas edições posteriores.

Em meio a toda essa influência, culminou em 2006 com o primeiro intercâmbio com uma comunidade indígena. Foram convidadas as aldeias de Imbiriba e de Barra Velha. Além do ritual, da dança, das músicas e da culinária, também foram realizadas as modalidades esportivas tradicionais.

Durante essas manifestações foi criado um grupo denominado “Grupo de Cultura”. Era formado por pessoas mais engajadas e preocupadas com esse resgate e reafirmação cultural. Esse grupo iniciou um projeto de Etnoturismo, que visava transformar o local onde aconteceu a primeira retomada e instalada a primeira escola. Esse local poderia receber alunos de escolas, universidades, estudiosos, turistas... ao tempo seria um local onde todos pudessem conviver em harmonia com a natureza, preservando os costumes dos antepassados.

Antes desse movimento, alguns moradores recebiam visitantes fazendo demonstração de armadilhas tradicionais, guiando por trilhas e falando da cultura.

Contudo, esse grupo queria fazer isso de forma constante, organizada, coletiva... usando esses conhecimentos culturais em um projeto de sustentabilidade. Foram organizando o espaço e buscando parcerias. Posteriormente criaram uma Associação de Etnoturismo.

Em vários momentos, alunos e professores também participavam, porque estamos falando de uma escola indígena que tem em suas diretrizes a educação escolar indígena, intercultural, bilíngüe, comunitária e diferenciada.

PARCERIAS IMPORTANTES NA REAFIRMAÇÃO CULTURAL.

Art Educar

“Em 2006 foi implantado o projeto do Art Educar (projeto do governo estadual em parceria com a TIM). Esse projeto trabalhou com os alunos da escola nas danças indígenas e na confecção de artesanato. Eu era monitora que trabalhava com a dança e os cantos da

cultura Pataxó e Jose Roberto o trabalhou com artesanato indígena Pataxó. Esse projeto reuniu mais de 40 crianças, sendo um dos primeiros que mais incentivou os alunos a interagir em turno oposto, com atividades culturais e pedagógicas”.

Projeto Rede Vida e Proteção

“Em 2009 houve o projeto Rede Vida e Proteção em parceria com o estado e executado pela Associação de Mulheres em Ação - MEA. Essa ação envolvia os alunos da escola em turnos opostos. Eu trabalhava com a dança, o canto Pataxó e as atividades pedagógicas de reforço escolar, usando a cultura como eixo temático e assim desenvolvia as aulas. Charles Moraes era outro monitor que desenvolvia as atividades esportivas culturais indígenas e não indígenas, proporcionando a interculturalidade. Um fato marcante é que era um projeto para 40 alunos, mas participavam cerca de 80. Não podia mandar os meninos embora, pois se estamos incentivando a cultura o que podemos é acolher. O lanche que vinha para os 40 era dividido e todos saíam satisfeitos. Foi um dos melhores projetos, pois havia muita união e cumplicidade”.

Ponto de Cultura da Bahia

“A comunidade foi contemplada com o Ponto de Cultura da Bahia, cujo objetivo era fortalecer as associações Comunitária, Etnoturismo e a Escola. O projeto, com duração de três anos, a cada ano iria contemplar a comunidade em diversas ações com os recursos de custeio e proporcionar a compra de equipamentos em capital para as associações. Vale lembrar que as associações, por não estarem aptas a concorrer no edital, foram tendo como proponente o Instituto tribos Jovens – ITJ, que geriu o projeto, tendo o presidente do Etnoturismo como interlocutor ao longo da execução do projeto. A Escola havia ganhado duas salas do Instituto Sandra Habib. Uma ficou para implantar a biblioteca e a outra, em concordância com as lideranças, foi cedida para o uso do ponto de cultura”.

A escola sempre teve participação direta na organização das festividades de 29 de abril, a qual chamamos de festa da comunidade. Após o intercâmbio de 2006, começamos a convidar outras aldeias indígenas e a promover os jogos tradicionais.

O mês de abril era uma grande e cansativa maratona, porém prazeroso. Os Jogos Indígenas em Porto Seguro aconteciam geralmente entre os dias 19 e 21. Nessa mesma data havia as festividades na Aldeia de Coroa Vermelha e, quando chegávamos à nossa Aldeia Velha, íamos ajudar a organizar o nosso a ser realizado em 29 de abril.

Coletividade e Simplicidade

Vamos abordar um pouco o ano de 2013, pois percebemos que nele houve maior integração da comunidade. Porque os Jogos Indígenas são muito mais que a exibição de modalidades. Durante o mês das festividades é feita uma reunião na comunidade, onde o cacique, as lideranças e membros da escola falam sobre a importância dos trabalhos e como acontecerão. São criados os grupos e cada um tem uma tarefa definida: os que vão preparar a alimentação, os que irão buscar recursos financeiros, os que vão atrás de apoio na sonorização, os que irão organizar a arena e a programação e os responsáveis pelo grupo que irá apresentar o awê e praticar as modalidades, dentre outros.

O local da festividade pode ser um espaço que fica no centro da aldeia ao lado da escola. As casas ao redor não ficam muito próximas. Ali colocamos areia para fazer a “arena” e assim não machucar os competidores. São feitas várias choças em volta para colocar as comidas típicas que irão ser degustadas pelos visitantes.

A comida que é servida aos participantes é feita em um fogão a lenha. Ou fazemos uma espécie de churrasqueira a céu aberto para assar a carne. Também utilizamos as casas de alguns moradores. Posteriormente, com a melhoria das instalações físicas da escola, foi usada este espaço. Todavia sempre houve o apoio da escola.

Outro lugar chamado de parte baixa tem vegetação rasteira, coberta por um grande areal cercado por pequenas árvores que favorecem o acolhimento dos participantes com seu clima fresco. Lá só tem a moradia de uma família nas proximidades, na qual é organizada a alimentação feita em um fogão a lenha. O espaço dispensa montagem das choças e da arena, pois a natureza já cuidou disso.

No dia foi uma grande brincadeira e confraternização, pois os grupos que faziam as apresentações das modalidades foram divididos com a participação dos anciãos, crianças e moradores.

Não importava se tinham mais habilidades com as modalidades ou não. O que importava era a participação e descontração. Pessoas que nunca tinham colocados adereços, nesse dia colocaram para fazer partes das competições e foi nesse clima de descontração que a festa aconteceu. Gestos simples e singelos que fazem a diferença. A coletividade, a união e a integração são significativos quando queremos conseguir nossos objetivos.

I - Jogos Infanto-Juvenis

Os trabalhos de Etnoturismo na reserva indígena Pataxó Aldeia Velha infelizmente foram fechados no final de 2010, devido às várias dificuldades. Por fim, houve um incêndio criminoso numa das cabanas que servia para fazer o ritual e receber os visitantes.

Em 2013 foi realizado, pela Secretaria Municipal de Educação, o processo seletivo para contratação de servidores, pois na Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha cerca de 85% trabalham em regime de contrato temporário. Indígenas que trabalhavam na reserva e faziam parte do “grupo de cultura” fizeram o processo e foram selecionados. Conseqüentemente ingressaram na escola.

Diante desse contexto, em que a escola sempre vinha trabalhando em parceria com a comunidade e outras instituições, o grupo veio fortalecer as ações.

Ao longo dos Jogos Indígenas de Porto Seguro e das festividades da comunidade realizadas no mês de abril, percebia-se que era um evento mais direcionado à participação dos adultos. Os mais novos participavam de forma indireta nas brincadeiras paralelas ao evento. Mas de forma natural, por essas crianças nas competições das modalidades e a festividade em si, isso não acontecia.

Em 2012 foi implantado o Ensino Fundamental II. Com isso o número de alunos e a faixa etária aumentaram e começaram a questionar sobre a participação deles de forma “competitiva” nas modalidades tradicionais e a possibilidade de fazerem jogos exclusivos para eles.

No decorrer do ano letivo de 2013 foi amadurecendo a idéia da realização desses jogos infantis. A princípio pensaram em fazer em outubro no dia das crianças, mas como a realização requer muito trabalho e recursos financeiros, pois seu formato é similar ao da comunidade, com alimentação, sonorização dentre outros, esse evento aconteceu em novembro com dois dias de duração.

Por ter sido o primeiro foi um pouco tímido, mas todos queriam se mostrar com seus adereços e pinturas. Ainda assim vários alunos ficaram sem participar por causa da falta de adereços (na participação das modalidades os atletas devem estar com seus adereços tradicionais Pataxó). Também não houve um incentivo dos pais para comprar ou fazer o adereços de seus filhos.

II Jogos Infante Juvenil

Em 2012 foi implantado na escola o programa Mais Educação, *que é uma estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral.*

No programa há recursos destinados à compra de material de custeio, capital e pagamento dos monitores ou oficineiro. Em 2013 foram feitas oficinas para a confecção de tupy sai e cocar, sendo que os tupy sai foram produzidos em mais quantidades por termos a matéria-prima em nossas matas (biriba) e o oficineiro era um ancião que tem bastante habilidade nesse tipo de confecção.

Em 2014 houve empenho e dedicação na fabricação dos cocares. Foram comprados com o dinheiro do programa mais 40 unidades desse adereço. A finalidade era obter o maior número de adereços, pois seriam usados no II Jogos Infante-Juvenis e assim agregar mais alunos e abrilhantar o evento. Também haveria nesse mesmo ano a VIII Edição dos Jogos Indígenas de Porto Seguro. Um foi realizado em outubro e o outro em novembro.

Houve um acordo de que os alunos que mais se destacassem nos Jogos Infante-Juvenis seriam escolhidos para representar a comunidade nos Jogos Indígenas de Porto Seguro. Esse tipo de incentivo e participação dos alunos na competição até então não havia acontecido.

Por ser um evento planejado no início do ano letivo, houve mais atenção para a realização com maior participação dos alunos com seus adereços (cerca de 90%). Também houve mais comprometimento dos servidores da escola. Os jogos infante-juvenis aconteceram em outubro, entre os dias 10 e 12, ou seja, data em que se homenageia as crianças. Os professores queriam propor atividades diferentes das que os não indígenas fazem “lá fora”. Outra novidade foi a realização do desfile da Cultura Viva Pataxó, inspirado nos desfiles de Porto Seguro.

Segundo os organizadores, foi um momento ímpar de beleza dos alunos, porque aconteceu de forma muito natural. A comunidade, dessa vez, estava mais participativa e elogiaram bastante o evento. Foi um momento que ainda não tinha acontecido. Todos estavam bem trajados com seus adereços, tupy say, cocar, cinto, pulseira, colar, brinco... As pinturas pareciam esculturas vivas foi realmente maravilhoso.

Na abertura dos Jogos Indígenas de Porto Seguro 40 alunos fizeram parte do Programa Mais Educação, também alguns anciãos, lideranças e professores. O grupo de competidores de Aldeia Velha foi composto de 60 atletas, sendo 40 adultos e 20 adolescentes,

alunos do Ensino Fundamental II, que participaram de todas as competições. Os indígenas do programa só participaram da abertura e depois retornaram para a aldeia. Alguns vieram nos demais dias enquanto expectador.

III Jogos Infanto Juvenil

Com essas experiências adquiridas em 2015, a III Edição foi melhor ainda. 99% dos discentes participaram e alunos que nunca haviam colocado um tupy sai puseram. Percebemos uma grande força espiritual nesta edição.

Os professores acreditam que parte dessa força veio por meio de um intercâmbio cultural que aconteceu na aldeia de Barra Velha em agosto. Na oportunidade, 40 alunos mais professores e alguns servidores ficaram 4 dias nesse intercâmbio cultural onde visitaram as comunidades indígenas Pataxó Xando, Pará, Bujigão e Barra Velha. Também visitaram Tururim, uma lenda viva do povo Pataxó que, infelizmente, se encontra debilitado em seu estado de saúde. Foram recepcionados com awê, participaram de uma noite cultural promovida pela Escola Indígena de Barra Velha, que faz parte de seu calendário escolar, ouviram narrativas dos anciãos sobre os conflitos territoriais, construção da escola, o fogo de 51 dentre outros.

Os docentes, ao virem do intercambio, já iniciaram as preparações e organizações dos jogos. Foi muito recente e os alunos estavam com aquela energia dos anciãos que sentiam a presença espiritual muito forte nos meninos.

Nessa edição, que aconteceu entre os dias 7, 8 e 9 de outubro, houve um empenho maior da comunidade, dos professores, dos alunos e de parceiros. Foram na roça arrancar a mandioca oito dias antes do evento, pois precisava ralar pra fazer a farinha, tapioca, o bolo de puba, o beiju e tudo a ser utilizado no dia. Não foram apenas os servidores da escola que fizeram essa festa. Houve, também, a participação do “grupo de cultura”, assim como vieram pais de alunos para confeccionar os adereços de seus filhos.

A comunidade escolar reuniu e fez as distribuições de tarefas, criou os grupos que iriam fazer as apresentações e participar das modalidades. Cada equipe tinha um professor responsável, mas nem todos tinham experiência. Então os meninos que participavam do “grupo de cultura” se distribuíram entre eles para ajudar na organização.

Tiveram a participação dos alunos da Escola Indígena Pataxó Juerana, enquanto equipe participando de forma direta. (outras escolas indígenas foram convidadas, mas devido à dificuldade de transporte não puderam estar presentes). Até mesmo a senhora Ana Nicacio,

da Juerana, foi mencionada durante a pesquisa por ter se doado na colaboração e feito os bolos de tapioca. É uma das pessoas que faz o melhor bolo de puba Pataxó

As escolas não indígenas sempre participam como telespectadores e, durante os jogos, participam de algumas modalidades com os indígenas de forma a integrar. Esse ano estiveram presentes a Escola Brigadeiro Eduardo Gomes, Antonio Carlos Magalhães, Escola Municipal de Pindorama e houve uma da cidade de Eunápolis todas convidadas pelos próprios alunos por meio das redes sociais.

Como se vê, até a divulgação desses jogos foi mais abrangente e feita pelos próprios alunos, com ajuda da internet e das redes sociais como Facebook, WhatsApp, dentre outros.

Adquirindo a experiência dos anos anteriores e sempre inovando com base nos Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro, a abertura dessa edição foi feita à noite com um luau e apresentação das equipes participantes. Os alunos abriram os elementos da natureza (fogo, água e ar) com a coreografia criada e coordenada por um aluno da escola e finalizaram com um grande e lindo ritual. Nas edições anteriores as aberturas foram bonitas, mas essa teve mais energia e significância pelo próprio contexto, superando as demais.

O desfile da beleza Pataxó também teve seu diferencial. A arena foi bastante enfeitada com palmeiras, flores, tochas... tudo para receber os modelos que mostraram seus adereços, artefatos, pinturas faciais e corporais. Cada modelo que entrava era mais bonito que o outro. Percebemos o brilho de cada sorriso, os pais dos alunos ficaram bastante felizes e fotos foram tiradas a todo instante. A emoção estava à flor da pele. A menina do casal que ficou em segundo lugar não se conteve e caiu em lágrimas. Os expectadores iam ao delírio, nem parecia que eram alunos e colegas e sim estrelas e foram, de fato, grandes estrelas fechando o evento com chave de ouro.

Legado dos Jogos de Porto Seguro

Ele nos ensinou a organizar, a preparar, crescer e fortalecer a cultura em suas bases. Isso não só para a nossa Aldeia Velha e sim para as demais, pois as comemorações tinham um cunho mais religioso, voltadas à cultura da igreja católica em forma de brincadeiras. Os nossos jogos também são em formas de brincadeiras voltadas para a prática dos esportes tradicionais.

Pudemos constatar em nossa pesquisa, por meio dos relatos dos envolvidos, que os jogos são muito mais que modalidades tradicionais. Envolvem o sagrado, as pinturas, os

artefatos, a língua materna, as organizações políticas das comunidades, o território, o novo e o velho, a criança e o ancião.

Eles trazem o orgulho de ser Pataxó. Eles promovem a descoberta do que é ser um Pataxó.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho me possibilitou uma viagem no tempo. Percebi o quanto estamos nessa andança, no movimento dos povos indígenas, sobretudo no que se refere aos jogos. Pois sempre vendi meus artesanatos como forma de sustento para minha família. O awê (dança e ritual do povo Pataxó) faz parte da minha vida. A participação nos jogos foram constantes, porque não há como falar de jogos sem que envolva todos os fatores mencionados.

Os jogos não são um fato isolado. Ele perpassa todas as manifestações culturais dos povos indígenas, suas crenças, costumes e tradições. Cada um com sua particularidade e, na arena, torna-se uma grande festa dessas contribuições.

Para mim foi um imenso prazer viajar em cada página deste trabalho. Os Jogos Indígenas de Porto Seguro nos ajudaram, juntamente com os parentes, a reafirmar a cultura Pataxó, a dar visibilidade à riqueza cultural que temos. Ao começar a pesquisar, percebemos o quanto temos de riqueza e como esses jogos contribuíram e contribuem no fortalecimento e reafirmação da cultura Pataxó, sobretudo da Aldeia Velha.

A inserção de novos elementos, o envolvimento de cada participante e a partir deles o desejo de levar a cada comunidade as novidades que foram trazidas.

Com certeza, este trabalho possibilitou a sistematização de nossa história, pois temos essas tradições em nossa vida, mas nunca paramos para escrever, descrever, refletir sobre esses vários aspectos. O que, ao olhar de pesquisadores e estudiosos principalmente não indígenas, é normal.

Para mim foi um desafio. Vivenciar é fácil, como disse, faz parte do nosso ser. Escrever foram momentos difíceis, desafiadores e árduos.

Mas esperamos que o presente trabalho contribua para os nossos parentes, que incentive outros a escrever sob outros olhares e perceber outros elementos, afinando pontos que não conseguimos abordar.

FONTES

Entrevistas

Soraia Perello Nascimento (agosto de 2014).

Luzia Silva Matos (novembro de 2015).

Ademário Braz Ferreira (Novembro de 2015).

Juari Braz Bomfim (Novembro de 2015).

Kelly Cristina Ferreira dos Santos (Novembro de 2015).

Fotografias

Angelo S. do Carmo, Priscila Bartolomeu, Daniel Vaqueiro e Jose dos Santos.

Manuais

Superintendência de Assuntos Indígenas de Porto Seguro

Diretoria de Educação Escolar Indígena – Secretaria Municipal de Educação – Porto Seguro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Arthur Jose Medeiros de. E SUASSUNA, Dulce Maria Filgueira de Almeida. *Esporte e Cultura: Análise acerca da Esportivização de Práticas Corporais nos Jogos Indígenas*. UNB, Brasília, Distrito Federal, Brasil. 2010. In *Pensar a Prática*, Goiânia, V. 13, n. 1, P. 1-18, jan/abr. 2010.

CAMARGO, FERREIRA e SIMSON (org.) Vera Regina Toledo, Maria Beatriz Rocha e Olga Rodrigues de Moraes Von. *Jogo, celebração, memória e identidade: reconstrução da trajetória de criação, implementação e difusão dos jogos indígenas no Brasil (1996-2009)*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2011.

CARMO, Angelo Santos do. *Ipê Aldeia Velha, Uma Conquista Uma História*. 2010.

FASSHEBER, José Ronaldo; FREITAG, Liliane da Costa; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. *Jogos dos Povos Indígenas: um “lugar” de negociações sociais*. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008 em Porto Seguro, Bahia, Brasil.

PEDREIRA, Hugo Prudente da Silva. *“Saber Andar”: Refazendo o Território Pataxó em Aldeia Velha*. Monografia Apresentada ao Departamento de Antropologia e Etnologia, Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. 2013.

Pinto, Leila Mirtes Santos Magalhães (org.). *Brincar, Jogar, Viver: IX Jogos dos Povos Indígenas./ 2*. Ed Leila Mirtes Santos Magalhães, Beleni Saléte Grandó (org.). Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.

PIB.SOCIOAMBIENTAL.ORG. Acesso em 24/3/2017.

ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. *Jogos dos Povos Indígenas: Diversidades*. In *O Público e o Privado – Nº 16 – Julho/Dezembro – 2010*.

ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz. *Jogos dos Povos Indígenas: Tradição e Mudança*. In *Ver. Bra. Educ. Fís., São Paulo, v.20, P.50-52, set.2006*.

SILVA, Aretuza da Cruz. *O Massacre de 1951 e a Resistência dos Pataxó Meridionais*. Monografia apresentada ao Colegiado de História do Departamento de Educação/Campus X da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. 2010.

ANEXOS



REGULAMENTO DOS JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ DE PORTO SEGURO



DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS DE CADA ALDEIA

Artigo - 1º

- I** - Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos deste regulamento;
- II** – Só deverão participar como atleta dos Jogos Indígenas de Porto Seguro indígenas;
- III**- Não indígenas casados com indígenas não poderão participar como atletas, mesmo os que já moram na aldeia há muito anos;
- IV** – A todos os indígenas que participarão diretamente dos jogos é obrigatório trazer documentos de identificação;
- V**- É proibido o consumo de drogas ilícitas e bebidas alcoólicas nos jogos indígenas;
- VI** – Os menores que participarão dos JIP deverão ser autorizados pelos pais e será responsabilidade do representante do grupo;
- VII** – Cada equipe poderá trazer na delegação no máximo 20% das crianças por aldeia;
- VIII** - É proibida a participação de mulheres gestantes como atleta;
- IX** - O cacique que não vir acompanhando o grupo deverá escolher um representante e informar a organização dos Jogos;
- X** - O participante que agredir verbalmente ou fisicamente seu próximo ficará dois anos sem participar diretamente dos Jogos indígenas de Porto Seguro.
- XI** – Durante os dias dos jogos, aldeias com falta de atletas não podem escalar membros de outras aldeias para participarem de sua equipe;
- XII** – Durante o evento é obrigatório a todos os indígenas convidados usar seus trajes tradicionais. Isso fortalece nossa cultura.

Artigo 2º DEVERES DO VOLUNTÁRIOS

- I** - Na organização do evento poderão participar índios e não índios, desde que sejam voluntários;

II - O índio que fizer parte da organização dos jogos não pode participar das modalidades e nem incentivar a torcida;

III – É obrigatório ficar à disposição da equipe na qual foi escolhido;

Artigo – 3º HOSPEDAGENS;

I - Todos os atletas têm de levar seus pertences pessoais (toalha, creme dental e sabonete etc.)

II - É proibida a entrada de pessoas não autorizadas no hotel (caso seja necessário, a coordenação tem de ser avisada)

III - A hospedagem é exclusiva para os indígenas que foram convidados a participar dos jogos

IV - Se algum dos atletas já escrito desistir, a coordenação deverá ser informada.

V- Todos os indígenas, para entrarem no hotel, têm de estar com pulseira estar escrito na ficha de inscrição dos jogos.

VI - A hospedagem é com direito a café da manhã, que será oferecido a partir das 7 horas da manhã.

VII – Os hospedados não têm o direito de levar alimentos do café da manhã para lanche em outros locais;

VIII – Não será permitido o uso da piscina e da sala de ginástica do hotel.

Artigo – 5º

Modalidade Esportiva

I - Cada aldeia tem de enviar as fichas das equipes preenchidas com 15 dias de antecedência para a coordenação dos Jogos.

II - Só poderão participar das modalidades, os atletas que estiverem com a pulseira de identificação e com a ficha de inscrição que veio da aldeia.

III - Todos os atletas terão de competir de tanga (exceção da canoagem, natação e futebol).

IV- Todas as aldeias deverão trazer seus arcos e flechas acima de 1,60 m e as flechas com ponta de osso.

V - No cabo de guerra haverão duas reservas que podem ser substituídas na hora da competição.

VI - O futebol não faz parte da soma de pontos. Terá premiação à parte para o primeiro, segundo e terceiro lugares.

VII - O desfile também terá premiação para o casal que ganhar em primeiro, segundo e terceiro lugares.

Artigo 6º Por modalidades

I - Arremesso de Takape (masculina e feminina) – Um atleta de cada aldeia fará o lançamento do Takape por três vezes. Será classificado o arremesso que fizer a maior distância. (Serão classificados primeiro, segundo e terceiro lugares).

II - Jogo de Zarabatana (Feminina)– Uma atleta de cada aldeia deverá assoprar a seta a 7 metros de distância do alvo, tendo três oportunidades para acertar o alvo e marcar pontos de

diferentes numerações; A soma dos pontos marcados será a colocação do atleta: primeiro, segundo e terceiro lugares(cada atleta deverá trazer sua zarabatana).

III - Corrida com Tora– (masculino) Dois atletas de cada aldeia correrão a distância de 200 metros. Farão um revezamento de 100 x 100. A colocação conquistada será pelos atletas que chegarem primeiro. As aldeias que forem vencendo irão para a final até chegar à classificação do primeiro, segundo e terceiro lugares. (a tanga não poderá cair, acarretando a desclassificação do atleta).

IV - Luta Patxiw Miwka'ay – Serão escolhidos alguns atletas para fazerem a demonstração da luta corporal e de seu significado (não valerá ponto). Obs.: Todos os lutadores deverão estar com unhas curtas para evitar arranhões graves.

V - Corrida Rústica (masculino e feminino) – Participarão três atletas de cada aldeia. O percurso será de 3 km. Não será permitida qualquer forma de trapaça para se chegar aos resultados (será classificado primeiro, segundo e terceiro lugares.)

VI -Natação – (masculino) Um atleta de cada aldeia nadará 200m de distância. A colocação será por meio da chegada de cada competidor (primeiro, segundo e terceiro lugares).

VII - Arco e Flecha (masculino e feminino) – Um atleta de cada aldeia terá chances num alvo a 25 metros de distância. O alvo conterà um círculo maior, que vale 50 pontos, o médio 100 pontos e o pequeno 200 pontos. A pontuação será pela soma da pontuação adquirida no lançamento das flechas. Todos terão de trazer seu arco e flecha.

VIII - Cabo de Guerra (masculino e feminino) – Cada aldeia deverá competir com oito atletas e dois reservas. A competição será cronometrada no tempo de três minutos. Aquela que estiver levando vantagem quando acabar o tempo, ganha. As aldeias classificadas disputarão o primeiro, segundo e terceiro lugares.

IX - Canoagem (masculino) – Cada aldeia deverá ter um representante para essa modalidade. Farão um percurso de 200 metros no mar, remando em uma canoa. Serão divididas as baterias por grupos. As aldeias classificadas disputarão o primeiro, segundo e terceiro lugares.

X - Corrida de Maraká (masculino e feminina) - Cada aldeia correrá com 5 atletas em um percurso de 150 metros em volta de um tronco. Aquela equipe que finalizar primeiro ganha.

XI - Futebol – (masculino e feminina) - O futebol será uma forma de integração entre as equipes. Elas deverão ser compostas por 8 atletas de cada aldeia. As equipes disputarão um torneio por eliminação, com duração de 30 minutos. Os jogos seguirão as regras do futebol normal.

XII- Prova de conhecimento cultural indígena. Cada equipe será representada por um casal, para responder a dez perguntas por escrito. Terão um prazo de 20 minutos.

Artigo 7º - Desfile Cultura Viva, Pataxó! (masculino e feminino)

I- Cada aldeia apresentará um casal seguindo os critérios, que serão avaliados pelos jurados em uma pontuação de 1 a 10 pontos. Depois serão somados para obter o resultado do primeiro, segundo e terceiro lugares.

Artigo 8º ADEREÇOS:

I – Serão avaliados de acordo com a apresentação dos recursos naturais (sementes, penas, etc).

II - O cocar deverá ser o mais aproximado da origem Pataxó. (O cocar original é de pena de papagaio, porém estamos aos poucos substituindo por outras plumagens por conta do risco de extinção da ave).

III - Não serão permitidos adereços feitos com barbante ou miçanga.

IV - Adereços de outras etnias também não serão permitidos (chocalho de pé só será permitido quando feito de coco da nossa região. (aricuri, dendê, buri, xândo, concha etc).

Artigo 9º TRAJES:

I – Serão avaliados de acordo com a criatividade e a originalidade. (a que mais se identifica com a tradição)

Artigo 10º DESENVOLVIMENTO:

I - Tem de ser avaliado (a) pela simpatia e postura durante o desfile.

II - Pintura do rosto e braço será padrão Pataxó (solteiro, casado)

Artigo 11º PINTURA CORPORAL:

I - Será avaliado (a) pela criatividade, originalidade e a parte estética.

II – **ATENÇÃO: A pintura do corpo e das pernas são livres para serem avaliados.**

III - **Na pintura do braço e do rosto, todos terão de seguir o padrão do povo Pataxó.**

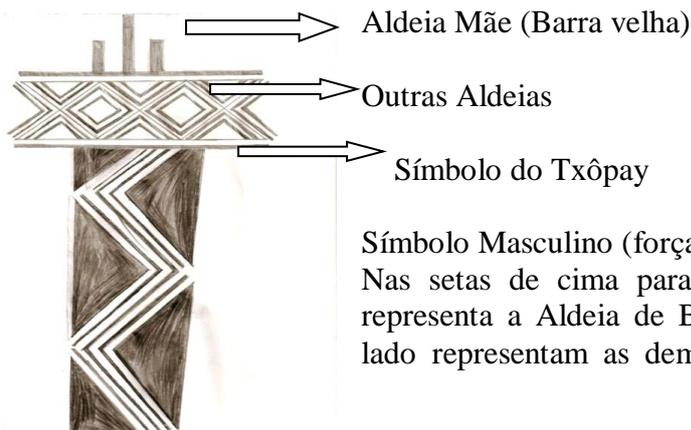


A pintura da tribo Pataxó representa uma simbologia e um significado que revela cada membro da etnia, desde fortalecimentos espirituais, estados cívicos das pessoas e elementos da natureza. As pinturas corporais têm as suas formas e significados nos casamentos, nas festas, rituais e também o símbolo identificador da etnia. (Mostrar a pintura de casado e solteiro, a pintura que representa o símbolo Pataxó e fala das pinturas de festas).

A cor preta é carvão com sumo de jenipapo. O vermelho é urucum e as demais cores, como o branco, amarelo roxo, rosa, azul e também uma das cores vermelha, etc. são de barro ou outros elementos da natureza.

A pintura proporciona ao guerreiro Pataxó o fechamento do corpo e o fortalecimento do espírito e identifica o guerreiro perante os membros da mesma etnia.

BRAÇO MASCULINO PARA HOMEM SOLTEIRO



Símbolo Masculino (força, união e proteção)

Nas setas de cima para baixo, vemos o traço maior central que representa a Aldeia de Barra Velha, considerada aldeia mãe; as do lado representam as demais aldeias Pataxó. A outra seta mostra o

símbolo feminino, equilíbrio, amor e proteção. A última de baixo indica Símbolo masculino força, união e proteção.

Essa pintura tem as mesmas características da anterior só que é acrescentado este símbolo, indicado pela seta que significa: Símbolo de compromisso entre um homem e uma mulher.

TRAÇO PARA HOMEM E MULHER CASADOS

PINTURA PARA ROSTO

Nesta pagina mostraremos pinturas que são utilizadas nos rosto, para homens e mulheres casados e outras para mulheres e homens solteiros, que são representados por um colorido bem forte e com mais detalhes. As pinturas faciais, além de proporcionar o fortalecimento espiritual, mostram o estado civil das pessoas.



HOMEM SOLTEIRO

HOMEM CASADO

MULHER SOLTEIRA

ATENÇÃO

- O regulamento tem de ser de conhecimento de todos os atletas
- O atleta que desrespeitar o regimento dos Jogos Indígenas ficara dois anos sem participar dos jogos.

